

FACULDADE NOVOS HORIZONTES

Programa de Pós-graduação em Administração  
Mestrado

**DESEMPREGO E FRAGMENTAÇÃO DA SUBJETIVIDADE:  
estudo de multicasos com trabalhadores demitidos nas cidades de  
Ouro Preto e Mariana - MG**

Maria Elisa Silva Mendes

Belo Horizonte  
2015

**Maria Elisa Silva Mendes**

**DESEMPREGO E FRAGMENTAÇÃO DA SUBJETIVIDADE:**  
estudo de multicasos com trabalhadores demitidos nas cidades de Ouro  
Preto e Mariana - MG

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Administração da Faculdade Novos Horizontes, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Coutinho Garcia

Linha de pesquisa: Relações de Poder e Dinâmicas das Organizações

Área de concentração: Organização e Estratégia

Belo Horizonte  
2015

MENDES, Maria Elisa Silva.

M538d Desemprego e fragmentação da subjetividade: estudo de multicascos com trabalhadores demitidos nas cidades de Ouro Preto e Mariana. Maria Elisa Silva Mendes. Belo Horizonte: FNH, 2015.  
100 p.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Coutinho Garcia.

Dissertação (mestrado) – Faculdade Novos Horizontes, Programa de Pós-graduação em Administração.

1. Trabalho – mercado de trabalho - subjetividade 2 Mineração 3. Desemprego I. Fernando Coutinho Garcia II. Faculdade Novos Horizontes, Programa de Pós-graduação em Administração. III. Título.

CDD: 331.137

## DECLARAÇÃO DE REVISÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Declaro ter procedido à revisão da Dissertação de Mestrado, área de concentração: Organização e estratégia, de autoria de **Maria Elisa Silva Mendes**, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Coutinho Garcia, apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Administração da Faculdade Novos Horizontes, intitulada: **DESEMPREGO E FRAGMENTAÇÃO DA SUBJETIVIDADE: estudo de multicasos com trabalhadores demitidos nas cidades de Ouro Preto e Mariana - MG.**

Dados da revisão<sup>1</sup>:

- Aspectos linguísticos
- Aspectos textuais

Belo Horizonte, 19 de outubro de 2015.

**Profa. Míriam de Oliveira Rondas**

Revisora credenciada para revisão de trabalhos acadêmicos  
Professora de língua portuguesa  
Tradutora de Francês/Português

Assinatura: Míriam Rondas

<sup>1</sup> A aceitação de sugestões de alterações no texto e/ou reescritas fica a cargo do autor da dissertação e do respectivo orientador.

## **AGRADECIMENTOS**

“Tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4.13).

A Deus, por ser presença viva em minha vida e por me dar capacidade de acreditar e saúde para concretizar meus sonhos.

Aos meus pais, Geraldo e Neida, por terem me dado força e coragem, e pelas orações que foram fontes de energia para que pudesse concretizar meus sonhos.

Ao meu noivo Jarbas Silva e à minha família, pelo carinho e compreensão nos momentos mais difíceis.

Às amigas Magna, Natália, Maryelle, Flávia Helena, Elenice e Maria Izabel, que além do companheirismo e da parceria em todos os momentos do Mestrado, suavizaram as pedras no caminho.

Ao corpo técnico Administrativo do Mestrado, Wânia e Beatriz, pelo carinho, pela cordialidade, atenção, solidariedade e ajuda durante o processo de conclusão desta etapa.

Aos professores Luiz Honório, Luciano Zille e Maria Aparecida pelas contribuições no trabalho.

Em especial, ao grande Professor e Orientador, Professor Doutor Fernando Coutinho Garcia, pelos ensinamentos, pela conduta ética, pela amizade, pelo profissionalismo, que possibilitaram o meu crescimento profissional e meu desenvolvimento no campo da ciência. A você, Professor, faltam adjetivos para expressar o quanto foram importantes seus ensinamentos para minha vida profissional acadêmica.

*A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.*

Arthur Schopenhauer

## RESUMO

Não se pode ignorar o papel central que o trabalho tem na vida das pessoas, haja vista o que Navarro e Padilha (2007) afirmam sobre ser incontestável a ideia de que o trabalho ocupa boa parte do espaço e do tempo do indivíduo. Dessa maneira, o trabalho não é apenas meio de satisfação das necessidades básicas, mas, é, também, fonte de identificação e de autoestima, uma vez que é por meio dele que o indivíduo desenvolve habilidades, competências e potencialidade. Além disso, o trabalho proporciona a inserção social dos indivíduos. O objetivo geral desta dissertação consistiu-se em descrever e analisar como o desemprego afeta a subjetividade do trabalhador na percepção de trabalhadores demitidos de empresas do setor de mineração das cidades de Ouro Preto e Mariana/MG. Foi realizada uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, utilizando-se o método de multicasos. A coleta de dados ocorreu por meio de 20 entrevistas com trabalhadores demitidos de empresas no setor de mineração. Os dados coletados foram tratados à luz da análise de conteúdo. Quanto aos principais resultados, percebeu-se, no que tange ao sentido do trabalho na vida pessoal dos trabalhadores demitidos, que o trabalho representa a construção da vida, pois é ele que torna possível a aquisição de bens materiais. No que concerne ao sentido do trabalho na vida familiar, destaca-se que o trabalho, para os entrevistados, é uma forma de interação social, por meio da qual se estabelecem trocas consideradas importantes para a sociedade. A interação social diminuiu significativamente com o desemprego. Os entrevistados ressaltaram que os colegas de trabalho só os reconheciam enquanto trabalhadores da empresa. Fora do ambiente de trabalho, a identidade do sujeito atribuída pelo outro se tornava “apagada” ou “desconhecida”. Identificou-se que os entrevistados, desempregados, recebem total apoio de seus familiares, e que isso é fundamental, uma vez que a desvinculação do mercado de trabalho favorece o aparecimento de problemas diversos. Com o desemprego, a renda familiar ficou comprometida, e a falta dos benefícios adicionais ao salário recebido contribuiu para impactar de forma negativa na renda deles. Com relação à identidade e à subjetividade, identificou-se que o processo de demissão pode causar sentimentos variados como desânimo, falta de apetite, frustração e incapacidade, e o desemprego pode acarretar em depressão, angústia, sentimentos de impotência e de culpa e perda da autoestima. Com relação aos hábitos e vícios, os entrevistados foram unânimes em destacar que não desenvolveram nenhum tipo de vício nem de hábito que os prejudicasse. Por fim, no que tange à saúde física, nenhum dado foi evidenciado pelos entrevistados. Com relação à saúde psicológica, os entrevistados ressaltaram que, no início, vivenciaram momentos difíceis que os desequilibraram psiquicamente, tendo em vista que gostavam do trabalho e que ele fazia parte da vida cotidiana. Ressalta-se, portanto, que o trabalho é considerado o valor máximo enquanto reconhecimento do papel social, permitindo ao indivíduo trabalhador ter a sua identidade profissional, determinando sua posição social.

**Palavras-chave:** Centralidade. Significado do Trabalho. Desemprego. Identidade. Fragmentação da Subjetividade

## ABSTRACT

One can't ignore the role that work has in people's lives, seen that Navarro and Padilha (2007) state about being unquestionable the idea that work occupies much of the space and time of a person. So, work is not only a way of fulfilling the basic needs, but also a source of identification and self-esteem, once the person develops abilities and potentialities in the work environment. Besides, work provides social insertion. The purpose of the present work was to describe and analyze how unemployment affects the subjectivity of the worker, looking through the perception of the fired employers of mining sector in the cities of Ouro Preto and Mariana, in Minas Gerais. It was made a descriptive research, with qualitative approach, using the multicase method. The data collection was made through 20 interviews with fired workers from mining sector. Data was treated using content analysis. About the main results, it was noticed that, regarding the meaning of work in their personal lives, it represents life construction, because it is the way they make it possible to acquire material assets. Regarding the meaning in the family life, the work is a way of social interaction, wherewith they can stablish meaningful exchanges with society. Social interaction decreases with unemployment. The interviewees enhanced that the colleagues from work only recognized them while they were employers, making their identity seen by other being deleted or unrecognized outside work. It was identified that the interviewees received total support from family, which is essential, once the untying from job market favors new problems. The family rental was compromised with the unemployment, and the lack of the additional benefits from the company also affects negatively their rental. Regarding identity and subjectivity, it was identified that the firing process can cause discouragement, lack of appetite, frustration and inability, and the unemployment can cause depression, anxiety, feeling of powerlessness, blame and loss of self-esteem. About habits and addictions, all the interviewees highlighted that they have not developed any kind of addiction or harmful habit. Finally, about physical health, no data was highlighted. Regarding psychological health, they revealed that, at first it was a hard time and they were psychologically unbalanced, given that they used to enjoy the work. It is emphasized that work is highly valued as a social recognition, allowing the person to have its own professional identity and social position.

**Keywords:** Centrality. Meaning of Work. Unemployment. Identity. Subjectivity Fragmentation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização do quadrilátero Ferrífero.....	54
Gráfico 1 – Maiores produtores de minério de ferro em 2012 .....	53
Quadro 1 – Revisão da literatura.....	37
Quadro 2 – Perfil dos entrevistados .....	58
Quadro 3 – Categorias e subcategorias do conteúdo das entrevistas .....	60

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPAD – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração

BNDES – Banco Nacional do Desenvolvimento

CFEM – Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

FEA-USP – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da

Universidade de São Paulo

HIV/Aids – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBRAM – Instituto Brasileiro de Mineração

IMO – Intermediação de Mão de Obra

MEE – Modelagem de Equações Estruturais

OIT – Organização Internacional do Trabalho

PIM-DG – Pesquisa Industrial Mensal - Dados Gerais

PIM-PF – Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física

PNADs – Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios

RMSP – Região Metropolitana de São Paulo

SCIELO – *Scientific Electronic Library Online*

SEM – *Structural Equation Modeling*

SPELL – *Scientific Periodicals Electronic Library*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1	Problema de pesquisa .....	14
1.2	Objetivos .....	16
1.2.1	Objetivo geral .....	16
1.2.2	Objetivos específicos .....	17
1.3	Justificativa .....	17
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>20</b>
2.1	Significados e centralidade do trabalho .....	20
2.2	Desemprego .....	25
2.3	Subjetividade .....	30
2.3.1	Identidade .....	33
2.4	Estudos relacionados ao desemprego e significados e centralidade do trabalho .....	37
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA DE PESQUISA .....</b>	<b>47</b>
3.1	Tipo, abordagem e método de pesquisa .....	47
3.2	Unidade de análise, unidade de observação e sujeitos da pesquisa.....	48
3.3	Técnica de coleta de dados .....	49
3.4	Tratamento dos dados .....	50
<b>4</b>	<b>AMBIÊNCIA DA PESQUISA.....</b>	<b>52</b>
4.1	Contexto da mineração em Minas Gerais.....	52
4.2	A importância econômica da mineração nos municípios de Ouro Preto e Mariana.....	53
4.3	Cenário de crise econômica e demissões.....	55
<b>5</b>	<b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>58</b>
5.1	Perfis dos entrevistados .....	58
5.2	Análise qualitativa: categorias e subcategorias .....	59
5.2.1	Significado do trabalho .....	60
5.2.2	Desemprego .....	67
5.2.3	Fragmentação da subjetividade .....	74
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>81</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>85</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>97</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Não se pode ignorar o papel central que o trabalho tem na vida das pessoas, haja vista o que Navarro e Padilha (2007) afirmam sobre ser incontestável a ideia de que o trabalho ocupa boa parte do espaço e do tempo do indivíduo. Dessa maneira, o trabalho não é apenas meio de satisfação das necessidades básicas, mas, é, também, fonte de identificação e de autoestima, uma vez que é por meio dele que o indivíduo desenvolve habilidades, competências e potencialidades. Além disso, o trabalho proporciona a inserção social dos indivíduos.

Dejours (2007), reforçando a perspectiva mencionada, localiza o trabalho como sendo central na vida das pessoas, englobando a subjetividade do trabalhador e participando ativamente da formação de sua identidade, uma vez que o trabalho “é e continuará central em face da construção da identidade e da saúde, da realização pessoal, da formação das relações entre homens e mulheres, da evolução da convivência e da cultura” (DEJOURS, 2007, p. 21).

Tal centralidade do trabalho não se dá, como bem esclarece Navarro e Padilha (2007), apenas na esfera econômica – como fonte de renda da maior parte da população mundial – mas, também, na esfera psíquica – como uma importante fonte de saúde psicológica. Tanto que, ao serem desvinculados do trabalho, seja pelo desemprego seja pela aposentadoria, os sujeitos são abalados subjetivamente, com reflexos que incidem sobre a autoestima e, até mesmo, sobre a saúde física deles.

Desse modo, o trabalho promove a interação intersubjetiva, que é de suma importância para as constituições identitárias. Viana e Machado (2009, p. 3) destacam que o trabalho representa o fio de equilíbrio da vida psíquica, uma vez que

[...] o homem sem trabalho ou não reconhecido em seu trabalho, ou ainda não encontrando nenhum interesse no seu trabalho, está próximo da depressão e comumente chega a este ponto de ruptura. Pois o trabalho, em nossa sociedade, é o modo privilegiado de fazer uma obra (por menor que seja), de existir, de ter (ou pensar ter) uma identidade. O trabalho é o melhor método para vencer a loucura.

Se, por um lado, o trabalho ocupa a centralidade na vida dos diferentes sujeitos, por outro, quando há o desemprego, instaura-se uma exclusão que desestabiliza o indivíduo socialmente e psicologicamente, provocando alterações na sua identidade. Ao ser desvinculado do emprego, o trabalhador perde vínculos essenciais que o determinam como indivíduo integrado à organização social. Assim, para Singer (2000), o desemprego implica em uma exclusão social de difícil assimilação, cujos efeitos ecoam sobre a constituição subjetiva do trabalhador.

Em estudo realizado por Veiga e Silva (2007, p. 17), para validar uma escala destinada a avaliar as vivências de sofrimento psíquico e social de trabalhadores desempregados, constatou-se que

as experiências do trabalhador desempregado envolvem dois aspectos distintos, de um lado, o sofrimento psíquico, o qual engloba vivências de angústia, tristeza, vergonha; por outro lado, tem-se o sofrimento social, o qual trata de aspectos no campo social, como o afastamento dos colegas, dificuldade em fazer novos amigos.

Corroboram essa discussão os estudos realizados por Pinheiro e Monteiro (2007), quando apontam que o desemprego provoca sofrimentos à saúde mental, que vão desde o simples desalento, passando por estágios de depressão, alcançando, em casos mais graves, o embotamento afetivo e a deterioração da autoimagem; e os estudos de Magalhães (2007), ao evidenciar que o desemprego é uma fase em que os indivíduos se sentem humilhados e frustrados, por serem considerados sem uma utilidade prática e como improdutivos para o mercado.

Não obstante, tal qual afirma Martins (2006), o desemprego, além do sofrimento psíquico e social que ele pode causar no indivíduo, pode, ainda, ser considerado como uma falha do sistema econômico, que não consegue prover ocupação produtiva a todos. Trata-se do sistema econômico capitalista que se consolidou como sistema predominante após a derrocada do socialismo iniciada com a queda do muro de Berlim, em 1989 (NÁDER, 2006).

Plenamente estabelecido, o capitalismo sofreu e impulsionou mudanças significativas nas diferentes organizações sociais e na configuração do trabalho. Segundo Pereira e Brito (2006), desde a década 1970, diversas mudanças

ocorreram no mundo do trabalho. Com isso, estabeleceram-se novas práticas produtivas que modificaram, por sua vez, a dimensão do trabalho. Essas mudanças, entretanto, passaram a ocorrer de maneira ainda mais acentuada no final do século XX e início do XXI, quando se intensificou a liberalização financeira, ou seja, o neoliberalismo e a competição de mercados internacionais conforme Náder (2006).

Dentre as mudanças trazidas pelo neoliberalismo e pela globalização, Bauman (1999) aponta o descompromisso de capitais altamente voláteis perante a força de trabalho, uma vez que aqueles não estão mais fixos a um país ou região, encontrando-se, muitas vezes, ligados ao mercado especulativo das bolsas de valores em qualquer lugar e a qualquer momento.

A globalização do mercado trouxe benefícios às grandes corporações empresariais, que, na busca de lucros mais significativos, ignoram os impactos humanos em suas transações. Não obstante, ressalta-se a facilidade com a qual o sistema capitalista contemporâneo pode, em alguns segundos, migrar o capital para atender interesses próprios, afetando indiscriminadamente diferentes países assim como milhares de pessoas com a simples especulação de mercado (BAUMAN, 1999).

Além disso, Previtali e Fagiani (2014) ressaltam que a introdução vertiginosa de inovações tecnológicas e organizacionais no processo de trabalho são uma constante neste modo de produção capitalista contemporâneo, acarretando em novos moldes produtivos, os quais reestruturaram a produção e afetaram, inevitavelmente, o regime trabalhista.

Nesse contexto, Soares e Vieira (2010) asseveram que, na atual fase, um dos reflexos perceptíveis para os trabalhadores tem sido conviver com mudanças caracterizadas, principalmente, pela redução drástica dos empregos formais e automatização dos modos de produção, o que resulta na permanência menos duradoura nos postos de trabalho. Com isso, não é de se estranhar que a taxa de desemprego seja crescente em escala mundial, dada a diminuição de postos de trabalho.

E, se antes o desemprego era predominante em países de terceiro mundo e menos presente em nações desenvolvidas, essa divisão rigorosa já não existe mais. O desemprego é resultado do estágio avançado do capitalismo e se alastra pelos diferentes países, desenvolvidos ou não. Para Mészáros (2006), a globalização do desemprego é um efeito inevitável do capitalismo avançado, ou seja, do modelo capitalista em que há a disputa entre empresas e pessoas. E é assim que

alcançamos um ponto do desenvolvimento histórico no qual o desemprego é uma característica dominante do sistema do capital como um todo. Na sua nova modalidade, constitui uma rede de inter-relações e inter-determinações pelas quais agora é impossível encontrar remédios e soluções parciais para o problema do desemprego em áreas limitadas, em agudo contraste com as décadas de desenvolvimento do pós-guerra nuns poucos países privilegiados em que políticos liberais podiam falar acerca de “Pleno emprego numa sociedade livre” (MÉSZÁROS, 2006, p. 4).

Todavia, as questões que envolvem as mudanças no sistema capitalista e no mundo do trabalho não estão associadas apenas às questões econômicas, como já se mencionou na introdução da presente pesquisa, havendo outras intersecções importantes. Segundo Antunes (2007), as transformações vivenciadas pelos trabalhadores nos países capitalistas foram tão intensas que atingiram não somente o aspecto material da vida deles, mas, também, o subjetivo, transformando, assim, a forma de “ser”. Dessa maneira, esse autor propõe que a ausência de trabalho pode ser vista por aquele que a vivencia como a impossibilidade de construir-se como ser produtor de si mesmo e do meio. Pode-se observar daí a indissociável relação entre trabalho e identidade.

Entende-se essa relação, considerando, a princípio, tal qual expõem Campos e Saraiva (2014), que o trabalhador reconhece-se como indivíduo e sujeito à medida que é capaz de produzir e vincular-se ao universo real e simbólico do trabalho. Nessa perspectiva, entende-se que trabalhar, no sentido mais amplo da palavra, transcende a capacidade de entrega e produção de uma determinada tarefa ou produto. Depreende-se daí que, somado ao produto final, os sentimentos e as representações que o indivíduo emprega no seu ato diário de produzir possibilitam uma dupla produção: a do produto – fruto do esforço e empenho laboral –, e a do próprio indivíduo – em sua construção constante.

Nesse contexto, a ser aprofundado no referencial teórico, é possível colocar em análise os efeitos que o fenômeno do desemprego, tão mais evidenciado nessa fase contemporânea do capitalismo, traz para a identidade de diferentes trabalhadores das cidades mineiras de Ouro Preto e Mariana.

### **1.1 Problema de pesquisa**

O trabalho constitui-se como um verdadeiro sentido de vida para o homem. É pelo trabalho que o sujeito desenvolve suas competências, ao reconhecer sua própria força e limitações. Dessa maneira, o trabalhador altera a visão que tem do mundo e de si mesmo, inova e colabora com o desenvolvimento. O trabalho é o caminho que possibilita a compreensão do homem, a sua objetivação como processo natural na transformação da natureza (OLETO; MELO; LOPES, 2013).

Reforçando a ideia da centralidade do trabalho na vida do homem, Lima e Borges (2002, p. 338) citado por Pinheiro e Monteiro (2007, p. 36), asseveram que

não vemos como pensar o homem desconsiderando o fato de que o trabalho foi e permanece central para o ser humano. Assim, as reações do desempregado à sua condição não são fruto apenas das perdas materiais que sofreu, mas, sim, da impossibilidade de expressar-se, desenvolver-se e deixar sua marca no mundo.

Em um contexto socioeconômico, em que se evidenciam as novas configurações do capitalismo, em que o trabalho exerce um papel central na vida do indivíduo e o desemprego ou o seu “fantasma” só fazem aumentar, é possível pensar que tanto o que Antunes (2007) quanto Campos e Saraiva (2014) trouxeram à discussão aspectos referentes tanto à produção material como a do próprio indivíduo, estabelecendo-se, assim, um desafio de rearranjo constante da subjetividade e da identidade. Esse preceito abre possibilidade para se pensar a relação entre a desvinculação do trabalho (desemprego) e modificação identitária do sujeito.

Tendo em vista as diversas transformações no mundo do trabalho, como consequência das mudanças sociais em geral, o IBGE divulgou no 1º semestre de 2015 que a taxa de desemprego no Brasil subiu no primeiro trimestre chegando até abril com um percentual de 8%. No mesmo trimestre de 2014, o índice foi de 7,1%.

Para se dimensionar a proporção desse problema, Baltar (2010) assinala que, segundo a Organização Internacional do Trabalho, o "déficit de empregos" no mundo contabilizado desde o início da crise mundial chega ao número de sessenta e um milhões (61 milhões). Situação ainda mais alarmante se considerarmos que, em cinco anos, com o ingresso de novos trabalhadores, serão necessários mais duzentos e oitenta milhões de postos suplementares de trabalho para absorver esse déficit até 2019. Sem contar que as taxas de desemprego previstas para o Brasil em 2015, assim como para os próximos dois anos, estão acima da média mundial, acima até mesmo dos índices previstos para a América Latina, Caribe e países do G20, grupo que reúne as principais economias do planeta.

Cattani (1996) propõe ao explicar que o desemprego afeta os diferentes grupos sociais, de diferentes maneiras, pois o trabalhador, além de perder sua fonte de renda, é alijado do convívio social, afastado da esfera produtiva e tem de se adequar a sua nova realidade, rearranjando-se subjetivamente.

Além de Cattani (1996), também Barros e Oliveira (2009) apontam que o desemprego não remete apenas à falta de emprego ou trabalho, já que o trabalhador, desempregado, permanece numa posição de ator fora de cena, perdendo a identidade e o reconhecimento social. Logo, o desemprego priva o indivíduo de uma estruturação funcional de vida, a qual é fortemente influenciada pelo emprego.

Segundo Jacques (2006a), a identidade pode ser caracterizada pela expressão subjetiva de um eu, uma representação significativa do si mesmo. Etimologicamente, a palavra identidade remete a *idem*, do latim, o "mesmo". Além disso, identidade também pode caracterizar a particularidade de grupos, segmentos, estratos, cultura, entre outros.

Todavia, o conceito de identidade sugere mais do que a dicotomia entre o coincidente e o diferente, pois, conforme afirma Segabinazzi (2007), o conceito de identidade deve ser considerado em seu caráter processual e mutante. De acordo com Coutinho, Krawulski e Soares (2007), as transformações sociais proporcionam

mudanças na identidade, uma vez que o conceito de identidade é histórico e cultural e, como tal, sofre incessantes alterações.

Assim, pode-se dizer que a identidade é construída por meio da interação social, sendo o trabalho a principal fonte de contato entre os sujeitos adultos. Segundo Vasconcelos e Vasconcelos (2001, p. 47), “o reconhecimento dos outros é um dos elementos fundamentais na construção da identidade do indivíduo, que ocorre de modo dinâmico, a partir de suas interações sociais aqui e agora”.

É justamente a investigação sobre como o sujeito representa a si mesmo e sobre as modificações identitárias ocorridas ao ser deslocado na organização social do trabalho (desempregado) que interessa a este estudo. Para essa investigação, serão observados trabalhadores demitidos de empresas da cidade de Ouro preto e Mariana /MG, com o intuito de entender as modificações identitárias sofridas com a perda dos vínculos sociais relacionados ao trabalho.

É nesse contexto de demissões que foram escolhidos os sujeitos desempregados participantes desta análise. O presente deteve-se estudar sobre as relações entre centralidade do trabalho, desemprego e identidade, e, para tanto, tem como ponto de partida compreender e debater como o desemprego afeta a identidade do trabalhador demitido. Nesse sentido, a pesquisa tem a seguinte pergunta direcionadora: **Como o desemprego afeta a subjetividade do trabalhador?**

## **1.2 Objetivos**

Com a intenção de atender aos propósitos da pesquisa, os seguintes objetivos foram formulados:

### **1.2.1 Objetivo geral**

Descrever e analisar como o desemprego afeta a subjetividade do trabalhador, na percepção de trabalhadores demitidos de empresas no setor de mineração das cidades de Ouro Preto e Mariana/MG.

### **1.2.2 Objetivos específicos**

1. Descrever a trajetória profissional dos trabalhadores demitidos no período de 2014 a 2015 no setor de mineração das cidades de Ouro Preto e Mariana;
2. Identificar o significado do trabalho formal na percepção dos trabalhadores demitidos;
3. Identificar os sentidos da perda do trabalho formal, bem como entender o processo subjetivo desses significados por meio dos relatos de trabalhadores desempregados.

### **1.3 Justificativa**

O desenvolvimento deste trabalho favorece um debate sobre o papel que o trabalho desempenha na constituição social dos indivíduos. Essa consideração é de suma importância, pois, soma-se às pressuposições a esse respeito propostas pelos autores mencionados nas páginas anteriores como Pinherio e Monteiro (2007) Bauman (1999), Soares e Viera (2010), Antunes (2007), Campos e Saraiva (2014), a observação realizada por Enriquez (1999) sobre o fato de a perda do trabalho provocar uma ferida profunda na identidade, desagregando-a.

O desenvolvimento desta pesquisa colabora com estudos sobre a condição do desempregado na sociedade contemporânea. Sendo assim, no âmbito acadêmico, este estudo se justifica devido à oportunidade de efetuar uma discussão mais aprofundada sobre o desemprego e seus impactos na vida social do trabalhador, especificamente no setor de Mineração, que de acordo com relatório do IBRAM (2015) e dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) o setor Extrativo Mineral possui 214.070 empregos diretos (dados de Julho/2015), dessa forma a mineração integra-se a cadeia produtiva composta pelas indústrias de base e seu produto é também matéria-prima de diversas outras. Este conjunto produz e dissemina uma infinidade de produtos que se relacionam diretamente à qualidade de vida das populações.

Pode-se aferir referente à produção de artigos científicos sobre as questões da “centralidade do trabalho”, do “desemprego” e da “identidade – associada à subjetividade” nos eventos da ANPAD (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração), com 12 trabalhos publicados; nos periódicos da SCIELO (*Scientific Eletronic Library Online*), com 162 trabalhos e no SPELL (*Scientific Periodicals Electronic Library*), com 15 trabalhos. Destes, evidencia-se que a SCIELO, conta com uma representatividade de 86% da produção. É também possível aferir que os temas têm a seguinte hierarquia em produção: “identidade – associada à subjetividade” (com 102 trabalhos), “desemprego” (com 83 trabalhos) e “centralidade do trabalho” (com 6 trabalhos).

Desta forma, é possível verificar-se que, ao realizarem-se estudos com base nos temas, correlacionando-os (excluindo-se as duplicidades de arquivos), é relevante para a comunidade acadêmica estudos direcionados ao tema proposto, tendo em vista que, mesmo diante do crescimento do número de pesquisas nesta área, identifica-se a oportunidade para a elaboração de análises que revelam a importância do trabalho para o indivíduo, bem como o desemprego e seus impactos na identidade e subjetividade.

Desse modo, o estudo torna-se salutar, pois compreende a nova configuração de sociabilidade que se estabelece nesse processo de mudanças e reorganização nas relações institucionais e de trabalho, em que a insegurança e o medo do desemprego parecem ser predominantes.

Além disso, ao tomar a perspectiva do desempregado, esta pesquisa adota uma postura que procura compreender e mapear algumas mazelas relacionadas à perda do emprego. Assim, com a conclusão deste estudo, serão disponibilizados dados e informações sobre a condição dos desempregados situados nas cidades de Mariana e Ouro Preto. Espera-se, sobretudo, que essa focalização do desenvolvimento científico seja um ponto de vista privilegiado para se notar a emergência do desemprego na sociedade tecnocrata, que exclui o fator humano dos processos de produção.

Este estudo se divide em seis capítulos, incluindo esta introdução, que possui a finalidade de contextualizar o tema e apresentar o problema de pesquisa, os objetivos e a justificativa.

No segundo capítulo, desenvolve-se a fundamentação teórica que embasa a pesquisa. São trabalhados conceitos relativos à centralidade e aos sentidos do trabalho, ao desemprego, à identidade e subjetividade.

No terceiro capítulo, descreve-se a metodologia utilizada na pesquisa que se apoiou em uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, descritiva, utilizando-se de estudo de múltiplos casos, nos quais a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas.

No quarto capítulo, destaca-se a ambiência da pesquisa, ou seja, o *lócus* onde a pesquisa foi realizada.

No quinto capítulo, procede-se à apresentação e análise dos resultados.

No sexto capítulo, apresenta-se as considerações finais. Após as considerações finais constam as referências do estudo e finalmente são apresentados os apêndices.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para tratar da centralidade do trabalho na vida das pessoas, é importante mencionar que, na presente pesquisa, entende-se trabalho como sendo associado diretamente ao emprego e à profissão, pois, conforme explica Albornoz (1994, p. 24), “o indivíduo moderno encontra dificuldade em dar sentido à sua vida se não for pelo trabalho”, ou seja, muitos dos elementos que envolvem prazer, satisfação, saúde e bem-estar na vida dos indivíduos estão vinculados ao trabalho e à profissão.

Como postula Zanelli (2010, p. 21), o trabalho para o homem “tornou-se o meio de ganhar um salário e a base da construção de sua identidade”. No trabalho, a identidade profissional, toma lugar da pessoal, e o indivíduo passa a ser reconhecido como: o gerente de área, o supervisor, o operador, o inspetor dentre inúmeras outras designações advindas dos postos de trabalho ocupados.

Bertoncini (2002, p. 48) corrobora o raciocínio anterior, quando argumenta que “o trabalho é considerado o valor máximo enquanto reconhecimento do papel social, o indivíduo trabalhador tem sua identidade profissional determinando sua posição social”. Desta forma, a ruptura dos laços de trabalhos, como é o caso do desemprego, caracteriza a fragmentação da subjetividade ou a construção de uma nova identidade pelo sujeito.

Assim, essa seção do projeto apresentará os conceitos e as discussões fundamentadores inerentes aos significados do trabalho e a sua centralidade na vida das pessoas e na sociedade contemporânea, a problemática do desemprego e suas implicações para a identidade dos sujeitos.

### 2.1 Significados e centralidade do trabalho

A história do trabalho começa com a busca do homem para satisfazer suas necessidades, com a reprodução de meios consolidados de produção para assegurar sua sobrevivência. Uma vez satisfeitas às necessidades básicas, surgiram novas demandas que se propagaram entre os homens, criando, assim,

organizações técnicas e sociais que acabaram por determinar a história do trabalho tal qual pressupõe Carlos *et al.* (1999).

Para a maioria das pessoas, o trabalho ocupa, na vida do indivíduo, um espaço maior do que qualquer outro tipo de atividade conforme afirma Giddens (2005). O trabalho apresenta, conforme o autor, características relacionadas ao dinheiro (recursos principal para muitos satisfazerem as suas necessidades), ao nível de atividade (exercício de funções e possível desenvolvimento de habilidades), à variedade (acesso a contextos diferentes do ambiente doméstico), à organização espaço-temporal (lugar da atividade, organização da rotina do dia, da semana, do mês e ano), aos contatos sociais (relacionamento com outras pessoas) e à identidade pessoal e coletiva (sensação de fazer parte de um grupo).

Uma delimitação relevante é realizada por Giddens (2005) ao distinguir trabalho de emprego. Para o autor, o trabalho sempre existiu em qualquer sociedade humana, todavia, o emprego é um conceito que nasce com a sociedade capitalista, na qual os homens têm direito e deveres, e se define como sendo uma relação contratual de trabalho entre o proprietário e o não proprietário.

Neste sentido,

pode-se definir trabalho, quer seja ele remunerado ou não remunerado, como a execução de tarefas que requerem o emprego de esforço mental e físico, cujo objetivo é a produção de mercadorias e serviços que satisfaçam as necessidades humanas. Uma ocupação, ou um emprego, consiste no trabalho executado em troca de um ordenado ou salário regular. Em todas as culturas, o trabalho é a base da economia. O sistema econômico consiste em instituições que cuidam da produção e da distribuição de mercadorias e serviços (GIDDENS, 2005, p. 306).

Neste caminho, Campos (2009) menciona que é por meio do trabalho que o ser humano cria a sua história e se diferencia em relação aos outros seres, uma vez que, ao desempenhar seu trabalho, o homem não se adapta à natureza, ele vai além, e, transforma-a em função de seus objetivos. Nesse processo, ele produz inovações e causa impactos sobre o meio, bem como sobre si mesmo. Mais do que proporcionar sustento, o trabalho se apresenta como um estruturante social, haja

vista que é por intermédio do trabalho que as relações entre os homens se estabelecem.

Assim, na história da atividade humana, na incessante busca pela sobrevivência, pela conquista da dignidade humana e felicidade social, o mundo do trabalho tem sido vital, sendo uma realização essencialmente humana. Foi por meio do trabalho que os indivíduos, homens e mulheres, distinguiram-se das formas de vida dos animais tal qual salienta Antunes (2008). E, para se pensar a importância do trabalho para a condição humana, é relevante considerar, conforme destaca Dejours (2004), que o trabalho ultrapassa o limite de tempo dispensado a ele, passando a mobilizar, também, a personalidade por completo.

Neste sentido, pode-se pressupor que o trabalho organiza a vida humana, tal como pressupõe Giddens (2005), confundindo-se, muitas vezes, com a própria identidade pessoal; e transforma não apenas a natureza como também o próprio homem, por meio de múltiplas experiências, múltiplas imagens. O trabalho está associado, muitas vezes, à obrigação e necessidade. Nas sociedades modernas e pós-modernas, ter um emprego é importante para manter a autoestima e representa um elemento estruturador na composição psicológica das pessoas e das rotinas.

Assim, devem-se considerar os vários significados que o trabalho pode assumir socialmente. Gamst<sup>1</sup> (1995) citado por Marra (2013, p. 68) aponta alguns dentre os vários possíveis. Veja-se:

Em um nível individual, pode ser um emprego, uma carreira ou uma vocação. Há o trabalho econômico de ganhar a vida e o trabalho social, por meio do qual as pessoas vêm para construir identidades. Nos níveis histórico e social, o trabalho é a chave para a compreensão da mudança social. No nível filosófico, o conceito de trabalho levanta questões vinculadas não só à busca da boa vida, mas também às barreiras que criamos em torno de trabalho e lazer, trabalho e família, tempo e espaço, mercado de trabalho e empregabilidade.

Nesse sentido, Borges (1998) corrobora trazendo alguns significados para o trabalho que vão do individual ao social, referindo-se à subsistência, ao sentido existencial, à estruturação da personalidade e identidade do indivíduo.

---

<sup>1</sup> GAMST, F. C. **Meanings of Work**. Considerations for the twenty-first century, New York, State University of New York Press, 1995.

Dejours (2004, p. 27) propõe que o trabalho é aquilo que implica, do ponto de vista humano, “o fato de trabalhar: gestos, saber-fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar”.

Desta forma, o trabalho, conforme propõe Dejours (2003), não se reduz à mercadoria e nem a uma relação de emprego (acepção capitalista), pois é por meio dele que o ser humano dá sentido à sua existência (acepção ontológica). Consoante a essa última acepção, Morin (2001) destaca que o trabalho exerce significado e influência considerável sobre as pessoas, uma vez que o “trabalhar” vincula-se à noção de ser produtivo e útil, sendo isso suficientemente capaz de repercutir em suas satisfações. Atenta a essa vinculação, Mendes (1997) destaca que a sensação de utilidade fortalece a identidade do sujeito na medida em que ele se realiza no trabalho, uma vez que o trabalho continua sendo o mediador insubstituível da realização pessoal no campo social.

É neste sentido que Kovács<sup>2</sup> (2002) citado por Ferraz, Biasotto e Tonon (2008, p. 2) afirma que “o trabalho, por ser um mediador das relações entre os homens, não pode ser deslocado de sua centralidade enquanto reprodutor da existência humana”. Estes autores corroboram a ideia de centralidade do trabalho na vida dos indivíduos, que, dentro desta perspectiva, não pode ser desconsiderada enquanto precursora tanto da existência humana quanto da construção da identidade dos indivíduos. Freud (1974) argumenta que o trabalho é a atividade que proporciona certa direção à vida, estabelece uma noção de realidade, e, também, representa uma possibilidade de vínculos entre as pessoas. Por meio do trabalho, o sujeito modifica a natureza e a si mesmo, constituindo-se em um processo de transformações que engloba tanto o meio que o cerca quanto a própria subjetividade. De acordo com Arendt (1981), no mundo contemporâneo, a identidade do trabalhador é indissociável do trabalho que desempenha.

---

<sup>2</sup> KOVÁCS, I. Cómo hacer visible el trabajo que el discurso dominante oculta. **Sociología del Trabajo**, Nueva época, n. 45, p. 25-51, 2002.

Campos e Saraiva (2014) também ressaltam que o trabalho ocupa a centralidade da vida do indivíduo não só no que se refere a questões financeiras, mas, também, em outros aspectos da vida social. O trabalho assume lugar de destaque na constituição subjetiva, tornando-se parte da constituição identitária (MENDES, 2007). Assim, o “trabalhador, ao se sentir útil, produtivo e valorizado, fortalece sua identidade de sujeito à medida que sua autoimagem é reforçada e existem possibilidades de autorrealização” (MENDES, 1997, p. 58).

Mendes (2007, p. 43) afirma ainda que o sentido do trabalho depende “da relação entre a subjetividade do trabalhador, do saber fazer e do coletivo do trabalho”. Dessa forma, o sentido do trabalho decorre do próprio trabalho e, sobretudo, do contato com o grupo no qual o sujeito está inserido, ou seja, o sujeito molda sua subjetividade no contato com o outro (MENDES 2007).

Ainda de acordo com Mendes (2007), o trabalho pode ser responsável pelo reconhecimento social e pela satisfação em trabalhar em alguma área que proporcione aprendizagens constantes. A autonomia de horários, que favorece a rotina do empregado, e uma relação saudável com os colegas constituem indicadores de saúde no trabalho, ao proporcionarem a estruturação psíquica, a identidade e a expressão da subjetividade no trabalho.

Liedke (2002) corrobora essa ideia e considera que o trabalho tornou-se um referencial indispensável para o desenvolvimento emocional, ético e cognitivo do indivíduo ao longo do processo de socialização. Por conta disso, o trabalho constitui uma importante dimensão psicológica e social, atribuindo reconhecimento pessoal e prestígio social ao trabalhador.

A centralidade do trabalho, no entanto, tem sido questionada nas últimas décadas por estudiosos como Gorz (1982), especialmente no livro, *Adeus Proletariado*, e Kurz (1999), no livro, *Manifesto Contra o Trabalho*. Ambos apoiam-se na tese de que a desvinculação da produção do uso da força de trabalho humano devido à automação generalizada no processo produtivo poria fim à sociedade dominada pelo trabalho, discutindo assim, a irreversibilidade da crise do trabalho.

No entanto, Antunes (2007, p. 13), afirma que

os estudos das relações entre trabalho produtivo e improdutivo, manual e intelectual, material e imaterial, bem como a forma assumida pela divisão sexual do trabalho, a nova configuração da classe trabalhadora, dentre vários elementos [...] permitiu-me recolocar e dar concretude à tese da centralidade da categoria do trabalho na formação societal contemporânea, contra a desconstrução teórica que foi realizada nos últimos anos.

Viana e Machado (2009, p. 1) apontam que “o trabalho é central na vida das pessoas, engajando toda a subjetividade do trabalhador: é e continuará central na construção da identidade e da saúde, da realização pessoal, da formação das relações entre homens e mulheres, da evolução da consciência da cultura”.

Essa é a perspectiva que se assume como proposta de pesquisa, ou seja, a da permanência da centralidade do trabalho na vida das pessoas e na constituição de suas identidades, embora se reconheça, com base em Antunes (2007), que o tipo de capitalismo experimentado agora é de outro.

Ademais, na atual sociedade, a relação do homem com o trabalho é diferente, pois o avanço tecnológico exige outras habilidades do trabalhador e diminui os postos de trabalho no mercado. Isso, no entanto, não muda o papel que o trabalho exerce na vida dos indivíduos.

## **2.2 Desemprego**

As inúmeras transformações pelas quais o mundo do trabalho passa atualmente tais como insegurança quanto à permanência no posto de trabalho; constante inovação tecnológica dos processos produtivos que eliminam funções e postos nas empresas; virtualização de muitas operações coordenadas por um mercado financeiro baseado na economia do sinal eletrônico das bolsas de valores são questões com que o mercado de trabalho precisa lidar.

Esse mercado financeiro eletrônico, altamente especulativo, capaz de fazer com que o capital migre em velocidade nunca antes vista e de colocar em dificuldade financeira ou, mesmo “quebrar” inúmeras empresas da noite para o dia, por meio da

fuga de investimentos para outros setores, para outras cidades, outros estados ou países mais rentáveis naquele momento, levam a geração de trabalhadores atual a se sentirem como em um pequeno barco sem vela, perdido na imensidão do alto mar (BAUMAN, 2001).

Tais transformações têm boa parte de suas bases na formação de blocos econômicos mundiais, na financeirização e na internacionalização do capital trazidos pela globalização (BAUMAN, 1999). Afinal, elas não podem ser pensadas sem que se leve em conta as importantes mudanças econômicas, políticas e sociais pelas quais a sociedade vem passando.

As mudanças relacionadas ao processo de globalização, as novas estratégias de acumulação de capital e a flexibilização do trabalho organizado, tal qual ensina Leite (2008, p. 3), compõem um contexto a partir do qual

se pode compreender as tendências de terceirização das empresas e de flexibilização do emprego e do trabalho, que, mais do que uma adequação do mercado de trabalho ao caráter flexível das novas tecnologias, consistem em estratégias empresariais de acumulação e de fragmentação do trabalho organizado (LEITE, 2008, p. 3).

Para Beyda e Casado (2007), no atual contexto, não há mais garantias de emprego, de modo que predominam as incertezas das relações de trabalho cada vez mais precárias em decorrência da falta de espaços para todos.

Neste entremeio, observa-se uma geração de trabalhadores marcada pela insegurança, pelo efêmero e pelas discontinuidades em um mercado de trabalho baseado em estratégias empresariais de acumulação e de fragmentação do trabalho organizado trazidas pelo neoliberalismo tal qual explicita Leite (2008). Nesse contexto, o trabalhador convive ainda mais de perto com o assombro do desemprego.

Essa situação se traduz em dados oficiais, tais como divulgados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), segundo os quais a “estimativa é que em 2014 mais de 201 milhões de pessoas estavam desempregadas no mundo, 31 milhões a mais

do que antes da crise de 2008<sup>3</sup>". Desde então, estima-se que foram perdidos 61 milhões postos de trabalho (REDE BRASIL ATUAL, 2015, p. 1).

Há algumas definições de desemprego disponíveis na literatura, dentre elas ressalta-se aquela apresentada por Zylberstajn e Balbinotto Neto (1999, p. 131) do ponto de vista econômico: "desemprego pode ser definido como uma situação na qual o indivíduo deseja estar empregado a uma dada taxa de salário prevalecente no mercado de trabalho, mas não encontra emprego". No âmbito coletivo, o trabalhador desempregado é desligado dos modos de produção e aquisição de bens de consumo essenciais para a sua manutenção física e social.

Outra definição importante é aquela usada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), segunda a qual, desempregados "são indivíduos que se encontram numa situação involuntária de não trabalho, por falta de oportunidade de trabalho, ou que exercem trabalhos irregulares com desejo de mudança" (DIEESE, 2015, p. 1).

De acordo com o instituto mencionado, essas pessoas são desagregadas em três tipos de desemprego: desemprego aberto: pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva nos 30 dias anteriores [...]; desemprego oculto pelo trabalho precário: pessoas que realizam trabalhos precários - algum trabalho remunerado ocasional de auto-ocupação [...]; desemprego oculto pelo desalento: pessoas que não possuem trabalho e nem procuraram nos últimos 30 dias anteriores ao da entrevista,[...] por desestímulo do mercado de trabalho ou por circunstâncias fortuitas, mas apresentaram procura efetiva de trabalho nos últimos 12 meses (DIEESE, 2015, p. 1).

Ressalte-se que para o projeto, importa o primeiro tipo, ou seja, desemprego aberto. Neste sentido, Martins (2006) afirma que os indivíduos afetados pelo desemprego são submetidos às condições econômicas diversas, e que, por isso, eles estão excluídos dos meios costumeiros de obtenção de recursos financeiros. Tal condição torna instável a própria subsistência, fragilizando a natureza psicológica dos sujeitos que foram penalizados por processos desleais de acumulação do capital, cujo

---

<sup>3</sup> A crise financeira de 2008 pode ser considerada a maior crise financeira desde o *Crack* da Bolsa de Valores de Nova York em outubro de 1929. E, tal qual aquela famigerada crise, a de 2008 também eclodiu no centro financeiro e político do mundo, ou seja, os Estados Unidos da América. Diferentemente da crise ocorrida no início do século XX, que se deu essencialmente ao excesso de produção agrícola e industrial – que, somado aos baixos salários, levou à queda vertiginosa no consumo – e à exagerada especulação com ações na Bolsa, a crise de 2008 ocorreu devido à desestruturação do sistema imobiliário norte-americano, o que afetou toda a economia (REBÊLO, 2010, p. 2).

constante desenvolvimento torna as chances de reinserção no mercado de trabalho cada vez mais complexas.

Desse modo, as consequências do desemprego podem acarretar uma série de transtornos. Segundo Pinheiro e Monteiro (2007), o desemprego desestrutura os laços sociais e afetivos, restringe os direitos, instaura a insegurança socioeconômica, e, com isso, traz uma série de problemas à autoestima.

Atrelado ao desemprego e a seus efeitos, estão também a solidão, o desânimo, a sensação de fracasso e o desenvolvimento de distúrbios mentais em geral. Somam-se a isso, o aumento do consumo de álcool e o uso de drogas ilícitas em alguns casos, devido à desestabilização daquele elemento central na vida das pessoas, o trabalho. Essa ideia é corroborada por Monteiro *et al.* (2008), para quem o desemprego pode culminar em depressão, angústia, sentimentos de impotência e de culpa, perda da autoestima e, até mesmo, em suicídio. Além de sofrimentos diretos provocados pelo desemprego, surgem os vícios e abusos de drogas em geral, que, por sua vez, acarretam outras consequências.

O impacto do desemprego é ainda maior para trabalhadores incumbidos do sustento familiar. Pereira e Brito (2006) enfatizam que os impactos do desemprego na estrutura familiar são consideráveis. Incapaz de suprir as necessidades, o chefe provedor deve ser substituído, então, por um ou mais membros da família para a obtenção da renda familiar.

Não é exagerado afirmar que o impacto do desemprego sobre o sujeito é proporcional, senão maior, que a importância do trabalho em sua vida. Se o trabalho proporciona os meios necessários para a sobrevivência, assim como uma constituição identitária estável, o desemprego, por sua vez, produz uma desordem financeira e subjetiva por vezes imprevisível. Nesse contexto, o fenômeno do desemprego “tornou-se um indicador de uma situação social que afeta, de modo diferente, diferentes grupos da população, visto que o trabalho é considerado,

muitas vezes, o eixo das relações sociais” (CATTANI<sup>4</sup>, 1996 citado por PEREIRA; BRITO, 2006, p. 3).

De acordo com Whooley<sup>5</sup> (2002), citado por Pereira e Brito (2006), ao romper o elo com a organização do trabalho, o desempregado mergulha em um estado de incerteza, que pode acarretar profundas crises de estresse e, nos casos mais extremos, estados de depressão. A partir daí, as consequências são diversas, pois tais fenômenos psicológicos geram manifestações que interferem na vida social dos indivíduos.

Nesta mesma linha, Lima e Borges (2002) afirmam que a exclusão do emprego é uma imposição dura, que impede os trabalhadores de se expressarem, de se desenvolverem e de deixarem sua marca no mundo. Por conta disso, a desvinculação do mercado de trabalho favorece o aparecimento de diferentes formas de problemas, causando sofrimento às famílias e propiciando o surgimento de doenças.

Por fim, Barros e Oliveira (2009) ressaltam que o desemprego priva o indivíduo de uma estruturação funcional de vida, que é fortemente determinada pelo emprego. Sendo assim, o sujeito, quando se encontra desempregado, permanece numa posição de ator fora de cena, perde a identidade e o reconhecimento social. Pois, no desemprego, é negada aos sujeitos a vinculação identitária com o trabalho formal. O avanço do desemprego é responsável por descaracterizar a identidade atrelada à profissão, que, geralmente, é obtida a duras penas.

Com base no que afirma Barros e Oliveira (2009), é importante destacar que o sujeito desempregado é privado de uma série de referências estabelecidas que norteiam desde a sua rotina diária até sua personalidade. Sem emprego, não há mais expediente estabelecido com base em limites horas de trabalho, pausas para o descanso e remuneração de horas-extras. Além do mais, o sujeito deixa de pertencer ao grupo em que estava inserido, perdendo os referenciais comuns

---

<sup>4</sup> CATTANI, A. D. **Trabalho e autonomia**. Porto Alegre: Vozes, 1996. 195 p.

<sup>5</sup> WHOOLEY, M. A. *et al.* Depressive symptoms, unemployment, and loss of income. **Archives of Internal Medicine**, v. 162, n. 22, p. 2614-2620, dez. 2002.

partilhados com os colegas de trabalho. Para dar conta da situação de desemprego, o sujeito tem de se reestruturar subjetivamente. Ocorre que essa transição quase nunca se dá de maneira serena.

### **2.3 Subjetividade**

Para Lunardi Filho, Lunardi e Spricigo (2001), na formação profissional o trabalhador aprende um “dever-ser”, criando-se e construindo-se, em sua alma, forças que estimulam o espírito da disciplina no seu corpo. E, neste sentido, a subjetividade é entendida como o modo de ser moral do trabalhador, produzido pelo poder nas relações de trabalho, podendo ser expressa em pensamentos, condutas, emoções e ações.

Nesta linha, Goulart (2007) afirma que a subjetividade constitui, portanto, a síntese singular que cada ser humano vai construindo ao longo de sua experiência de vida social e cultural. A subjetividade constitui a maneira de sentir, pensar, fantasiar, amar, sonhar e agir que é própria de cada um e que é construída à medida que nos apropriamos do material do mundo no qual vivemos e, ao mesmo tempo, atuamos na construção desse mundo.

De acordo com Vieira (2004, p.71), a subjetividade refere-se à

compreensão que temos do nosso eu, que, por sua vez, envolve pensamentos e emoções. Nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual adotamos identidades, ou seja, as posições que assumimos e com as quais nos identificamos é que constituem nossas identidades (VIEIRA, 2004, p. 71).

Esse entrelaçamento entre subjetividade e a(s) identidade(s) aí constituída(s) acarreta, não raro, certa confusão entre os conceitos de subjetividade e de identidade.

A autora Woodward (2000), ao estudar a importância do social, muitas vezes configurado na/pela linguagem e na/pela cultura de uma sociedade, oferece uma compreensão da relação entre subjetividade e identidade que permite melhor entender a distinção entre elas. Diz a autora que

vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual adotamos uma identidade. Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades (WOODWARD, 2000, p. 55).

Vale ressaltar que os discursos de uma sociedade atrelada à centralidade do trabalho recrutam os sujeitos como trabalhadores e, na ausência do trabalho, como desempregados. Assim, entende-se que há posições de sujeito se construindo constantemente, e, construindo identidades dependendo da situação vivenciada: empregado ou desempregado. Portanto, o deslocamento da posição do sujeito “trabalhador”, membro de um grupo, trazida pelo desemprego, pode acarretar em uma fragmentação da subjetividade, ao menos daquela atrelada ao campo do trabalho.

Mas, a identidade não é algo acabado, é um tornar-se, e aqueles que a reivindicam não se limitam a ser posicionados por ela: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum (WOODWARD, 2000, p. 28). Assim, pode-se pensar que a fragmentação da identidade do trabalhador na situação de desempregado é temporária. Outros processos de identificação e identidades podem estar sendo constituídas neste entremeio.

Entretanto, não é apenas a identidade que pode ser múltipla, mas, também, a subjetividade, conforme Santos (2001, p. 107), quando diz que cada um de nós é “uma rede de sujeitos em que se combinam várias subjetividades. [...] Somos um arquipélago de subjetividades que se combinam diferentemente sob múltiplas circunstâncias pessoais e coletivas”. O autor também reforça que é por meio da subjetividade que a identidade se manifesta.

De acordo com o que apontam Davel e Vergara (2001), analisar subjetividade é buscar compreender a experiência humana em sua fonte mais complexa, rica e profunda. A subjetividade é concebida como um fenômeno posicional, contingente e

dinâmico produzido no decorrer das relações imediatas que as pessoas estabelecem entre si. Nessa linha, Paula e Palassi (2007) apontam que:

A subjetividade é um sistema complexo composto por dois espaços de constituição permanentes e inter-relacionados: o individual e o social, os quais se constituem de forma recíproca, em que cada um é constituído pelo outro, rompendo a ideia de um indivíduo isolado e naturalizado. A concepção histórico-social do indivíduo não o dilui em uma determinação social linear e imediata, pois é impossível separar os processos de ordem social nos quais se produz a ação individual dos processos psíquicos individuais constituintes dessa ação (PAULA; PALASSI, 2007, p. 208).

Retirar a identidade do sistema individual, como se o sujeito fosse higienizado de seu entorno sócio-histórico e não se constituísse na e pela vivência social ajuda a entender a viabilidade do trabalho operando na construção e constituição da identidade do trabalhador. Para Modesto Filho, Vieira e Garcia (2013), a subjetividade implica uma forma peculiar de percepção do mundo, que não aparece completamente dissociada do meio externo. E é nesse contexto que se concretizam as ações que caracterizam o indivíduo e o trabalhador, tal qual ensinam Lima e Vieira (2005), enquanto a sua compreensão desse trabalho depende de sua própria subjetividade.

Neste sentido, Modesto Filho, Vieira e Garcia (2013) apontam que, visando à garantia de um bom emprego, segurança, estabilidade financeira e reconhecimento, os quais são cobrados socialmente, o indivíduo aceita, muitas vezes com excessiva passividade, as regras organizacionais sem entendê-las e questioná-las. Por contiguidade, pode-se inferir que o desemprego, portanto, representa um importante elemento influenciador nas alterações da subjetividade dos trabalhadores.

Cabe ressaltar, por fim, o que Antunes (2010a, p. 21) menciona sobre a afetação da forma de “ser”, pois, de acordo com o autor, a “classe-que-vive-do-trabalho presenciou a mais aguda crise deste século, que atingiu não só sua materialidade, mas teve profundas repercussões na sua subjetividade e, no íntimo inter-relacionamento destes níveis, afetou a sua forma de ser”. E, se a classe trabalhadora presencia e experimenta tal situação mencionada por Antunes (2010a), por extensão reflexiva, pode-se indagar sobre como aquele que está desempregado, excluído do mundo do trabalho, que não é reconhecido mais como cidadão produtivo

e ativo, se identifica, após ter abalada a identidade criada quando pertencia à “classe-que-vive-do-trabalho”.

### 2.3.1 Identidade

Como já exposto neste texto, é por meio do trabalho que o homem se identifica, é com ele e por ele, que, em grande medida, o homem ocupa uma posição na sociedade. Para Coutinho, Krawulski e Soares (2007), identidade, hoje, precisa ser estudada como um conceito dinâmico para tentar compreender a inserção do sujeito no mundo e a sua relação com o outro. Essa dinamicidade, de acordo com Nascimento *et al.* (2013), é caracterizada pelos autores como a

ideia de movimento e dinamicidade dos processos de constituição da identidade, própria da contemporaneidade, se intensifica com a globalização. Juntamente com este contexto, a necessidade de exercer diferentes papéis, em diversos contextos, acaba por favorecer o surgimento de inúmeras identidades (NASCIMENTO *et al.*, 2013, p. 103).

Na esteira do conceito de identidade, atrelado ao estudo da sociedade atual, pode-se encontrar em Bauman (2005) um conceito de identidade como sendo uma entidade virtual e abstrata, porém essencial como referência para os grupos sociais. Segundo o autor, construir identidades, já que não são dadas *a priori*, significa um processo de classificação e de reclassificação dos grupos em categorias socialmente construídas. Tal construção se dá pela dimensão conflitiva a partir de certos elementos culturais, tomados como referência pelo grupo em relação a outro(s) grupo(s) – alteridade – tais como: língua, nação, símbolos, raça, religião, ritos, etc..

Assim, o conceito de identidade é dinâmico e socialmente construído em resposta às necessidades em um determinado contexto sócio-histórico, por isso não pode ser estático e atemporal. Não haveria sentido para os grupos se identificarem a partir de certos elementos culturais próprios e diferenciados se não houvesse um conjunto de “outros” elementos em contraposição, o que implica que identificar-se como grupo é diferenciar-se em relação a outros grupos (BAUMAN, 2005).

Como decorrência disso, o trabalho, ou melhor, a posição dentro de um grupo, e o reconhecimento do sujeito pelo grupo exerce influência na formação da identidade do indivíduo. “O reconhecimento dos outros é um dos elementos fundamentais na construção da identidade do indivíduo, que ocorre de modo dinâmico, a partir de suas interações sociais aqui e agora” (VASCONCELOS; VASCONCELOS, 2001, p. 47).

De acordo com Marra *et al.* (2011), o trabalho determina, em grande medida, a identidade dos sujeitos, tal qual já foi tratado na parte primeira deste referencial. Desse modo, a construção da particularidade subjetiva ocorre pelo contato social e institucional proporcionado pelo trabalho. Por isso, mesmo que, à primeira vista, pareça contraditório, a construção da identidade específica de cada pessoa atravessa o contato com as outras identidades, de modo que ela depende do coletivo para se constituir em sua unicidade. Por essa razão, o trabalho assume a centralidade dos estudos sobre a identidade, uma vez que, em muitos casos, ele é o principal responsável pela mediação entre o sujeito e a sociedade.

Em outro estudo, Marra (2013) considera que as identidades na atualidade são rarefeitas em decorrência de estarem inseridas em um contexto de esfacelamento institucional. A fragmentação das grandes instituições – Igreja, Estado e Empresa –, motivadas pela forma de modernidade que se vive hoje – na qual, dentre outros fatores, estão o esfacelamento e a desterritorialização dos processos de produção – tem na crise das grandes narrativas sociais seu ponto nevrálgico. As narrativas sociais referem-se, como aponta Gergen e Tchatchenkekery<sup>6</sup> (2004) citado por Marra (2013, p. 74), “à base do nosso senso de verdade, daquilo que consideramos certo ou errado, das nossas ações cotidianas. Os direcionamentos presentes nas narrativas vão construindo nosso senso de realidade e de identidade”.

Essa crise, conforme mencionado no tópico que trata da centralidade do trabalho desta pesquisa, alinha-se à percepção de Antunes (2007) sobre o fato de que o capitalismo e suas novas configurações trazem inúmeras mudanças para o mundo

---

<sup>6</sup> GERGEN, K. J.; TCHATCHENKEKERY, J. T. Organization science as social construction: postmodern potentials. **The Journal Applied Behavioral Science**, v. 40, n. 2, p.228-249, 2004.

do trabalho advindas das inovações tecnológicas e da competitividade, ou seja, das novas condições da organização do trabalho.

Neste sentido, analisar a questão da identidade de desempregados, ancorada em uma incursão teórica e prática, refere-se a estudar o deslocamento, a fragmentação e a desorientação que levam à perda de um dos importantes elementos construtores da “identidade” do sujeito, o trabalho, e, em última instância, também significa uma “fragmentação da subjetividade” do próprio sujeito. Afinal,

a concepção do trabalho como um elemento imprescindível para a construção da identidade do sujeito deve ser, portanto, repensada à luz das várias transformações no mundo produtivo, examinando-se quais articulações ainda são possíveis de serem estabelecidas entre os conceitos de identidade e trabalho, em um contexto no qual, inegavelmente, são modificadas as construções identitárias (COUTINHO; KRAWULSKI, SOARES, 2007, p. 34).

Segundo as autoras Coutinho, Krawulski e Soares (2007), no atual cenário as identidades incorporaram o caráter fragmentário dos modos de produção. Com isso, encontram-se comumente traços heterogêneos que integram as subjetividades inseridas em mercados também multifacetados. Cada sujeito, ao estabelecer relações sociais, constrói uma característica identitária que se traduz em um posicionamento concreto de igualdade ou distinção. Por conta disso, essas relações assumem um papel significativo para a compreensão dos processos de identidade que sofrem mutações diretas do trabalho e do sistema econômico em que se inserem.

Assim, alinhada à perspectiva mencionada anteriormente, proposta por Bauman, as autoras Coutinho, Krawulski e Soares (2007) afirmam que a identidade tem sido apresentada como um conceito dinâmico, adotado frequentemente para compreender a inserção do sujeito no mundo e sua relação com o outro.

Conforme observa Jacques (2006b), a construção da identidade pelo trabalho ocorre com a interação do eu com outros indivíduos em atividades coletivas. É no ambiente do trabalho, em contato com outras pessoas, que o sujeito localiza a si mesmo e estabelece importantes relações de amizade e de hierarquia. Por conta disso, o

trabalho participa da configuração da identidade, assim como – com o colapsado social causado pelos novos moldes de produção – de sua deformação.

De acordo com Silva e Vergara (2002), as pessoas não apenas integram a vida produtiva das organizações, mas, também constituem o princípio de recriação dos processos produtivos, ao inová-los, repensá-los e inseri-los em diferenciados contextos. Deste modo, torna-se possível afirmar que a relação entre identidade e trabalho é uma via de mão dupla. Pois, por um lado, o trabalho molda os sujeitos de acordo com requisitos básicos que lhes possibilita serem funcionais, ao mesmo tempo em que, por outro lado, os sujeitos buscam trabalhos que sejam compatíveis com suas aptidões particulares.

Afinal, como já tratado, e reforçado aqui por Silva e Vergara (2002, p. 5), “não há sentido em falar-se em uma única identidade dos indivíduos, mas, sim, em múltiplas identidades que se constroem dinamicamente, ao longo do tempo e nos diferentes contextos ou espaços situacionais dos quais esses indivíduos participam”. Fernandes e Zanelli (2006, p. 59) corroboram que as “identidades dos indivíduos são construídas de acordo com o ambiente em que se inserem, envolvendo, entre outras coisas, as estruturas sociais, a cultura e o histórico das relações”.

Ao apontar esse enfraquecimento dos vínculos sociais, como no caso do desemprego, Enriquez (1999) ressalta que sem vínculos trabalhistas, o problema da identidade parece estar num recolhimento subjetivo em meio a uma sociedade dispersa, enfraquecido pela falta de referências proporcionadas pelo trabalho. O desemprego, portanto, representa fragmentação da identidade.

Assim, a relação entre centralidade do trabalho, desemprego e identidade pode evidenciar entendimentos sobre a forma como os sujeitos se significam, e, dessa forma, identificam-se no trabalho ou na ausência dele.

## 2.4 Estudos relacionados ao desemprego e significados e centralidade do trabalho

Há um número considerável de estudos indexados sobre a questão da identidade associada ao trabalho. Neste sentido, faz-se aqui uma breve revisão de estudos que estejam associados ao tema de significados e centralidade do trabalho associada ao desemprego. Neste esforço de revisão, obteve-se 22 estudos importantes, indexados em banco de dados nacionais, realizados entre os anos 2003 e 2015.

Quadro 1 – Revisão da literatura

(continua)

Autor	Objetivo	Metodologia	Principais Resultados
Lorentz <i>et al.</i> (2014)	Analisar a relação entre a ambiência interna e externa das organizações contemporâneas e o processo de construção da identidade dos gestores.	Pesquisa bibliográfica para provocar uma reflexão sobre a questão do trabalho gerencial, numa abordagem que evidencia as dimensões subjetivas implícitas nas relações deste profissional, a construção da sua identidade e o exercício de suas funções diante dos desafios contemporâneos.	Ao analisar as atividades gerenciais, podem-se destacar, entre as conclusões aferidas, as ambiguidades e contradições inerentes ao cargo, pois as constantes mudanças de vínculos com as organizações e a fragilidade em sua estabilidade, provocada pela crescente cobrança por resultados superiores, afeta o processo de construção da sua identidade e identificação com a organização.
Mourão, Almeida e Amaral (2013)	Analisar a relação entre seguro-desemprego e emprego formal no mercado de trabalho brasileiro.	As bases de dados utilizadas na presente análise são originárias das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNADs) de 1999 a 2009, realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A amostra é constituída de 31.377 observações e distribuída entre 1999 e 2009. O banco inclui indivíduos em idade ativa (entre 15 e 64 anos) que saíram de um emprego no período de até 358 dias antes da realização da entrevista e que não tinham renda proveniente de benefícios, na semana de referência.	A variável dependente indica a formalidade no trabalho principal. Além de uma série de variáveis independentes (ano da pesquisa, região de residência, situação censitária, sexo, raça, idade e escolaridade), os modelos contêm uma variável de avaliação de política pública (seguro-desemprego) e variáveis para analisar a tendência desta política pública no decorrer do tempo. O recebimento do benefício do seguro-desemprego apresenta efeito negativo de 42% sobre a formalidade no trabalho principal no momento posterior ao recebimento do benefício. A análise dos termos interativos permite indicar que os reajustes dos valores do benefício realizados desde 1999 não causaram efeitos relevantes na formalização do trabalho.

## Quadro 1 – Revisão da literatura

(continuação)

Autor(es)	Objetivo(s)	Metodologia	Principais Resultados
Kubo e Gouvêa (2012)	Investigar os fatores que influenciam e conferem sentido ao trabalho, como centralidade do trabalho, normas da sociedade e objetivos e resultados valorizados.	Pesquisa descritiva exploratória classificada como <i>survey</i> , realizada no primeiro semestre de 2009. A coleta de dados foi feita por meio de um levantamento mediante questionário armazenado em um site predeterminado na Internet. Foram acessados <i>e-groups</i> dos atuais e dos ex-alunos da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP) que estão inseridos no mercado de trabalho e outros <i>e-groups</i> de funcionários públicos. Aplicou-se a Modelagem de Equações Estruturais (MEE ou <i>Structural Equation Modeling</i> – SEM) para serem obtidas as contribuições de cada constructo na estimação do significado do trabalho.	O estudo revelou que o significado do trabalho se reflete na ordem, na centralidade do trabalho, nos objetivos e resultados valorizados e, por último, nas normas sociais.
Marra e Souza (2012)	Investigar os significados do trabalho para ex-gerentes em processo de envelhecimento e aposentados nos últimos quinze anos.	Estudo empírico com abordagem qualitativa de caráter exploratório. Foram investigados dezoito sujeitos: gerentes e que atualmente estão aposentados, escolhidos intencionalmente em função de sua idade e cargo que ocupavam em empresas de grande porte. O processo de coleta de dados, ocorrido entre maio e novembro de 2011, foi realizado por meio de entrevistas semiestruturadas e por meio da Análise de Discurso (AD).	Constatou-se que o trabalho significa vida, auxilia no resgate de alguma forma de status e poder, e minimiza os efeitos sociais e físicos do envelhecimento.

## Quadro 1 – Revisão da literatura

(continuação)

Autor(es)	Objetivo(s)	Metodologia	Principais Resultados
Martins (2012)	Debater a condição de desigualdade do negro no contexto das novas estratégias de produção e subordinação do trabalho ao capital.	Por meio dos indicadores das desigualdades raciais, identificar a desigualdade do trabalhador negro no mercado de trabalho brasileiro.	A tentativa de entender os impactos das novas estratégias de produção e subordinação do trabalho ao capital parece evidenciar que a reação burguesa à crise estrutural do capital vem afetando, em dimensão maior, a parcela da classe trabalhadora negra. Essa constatação indica que, embora o caráter estrutural das transformações no mundo do trabalho ocorra independentemente de fronteira societária, ele não isenta a possibilidade de impressão das marcas particulares de cada contexto social. No caso do Brasil, o racismo, ao se associar às "novas" relações, tem influenciado efetivamente a concentração da classe trabalhadora negra no desemprego e/ou nas ocupações/empregos informais, com precárias relações de trabalho.
Balestro, Marinho e Walter (2011)	Buscar evidências da combinação de proteção social com o desempenho econômico, associado ao melhor funcionamento do mercado de trabalho. O principal argumento desse artigo é que a integração de benefício seguro-desemprego, serviços de intermediação de mão de obra e qualificação profissional promove a combinação de proteção social e desempenho econômico.	Os dados utilizados nesse artigo são oriundos do projeto Avaliação Externa do Programa Seguro-Desemprego realizado pela Universidade de Brasília. Os dados resultaram de quatro <i>surveys</i> nacionais, a partir de amostras probabilísticas e diversos grupos focais com gestores e beneficiários do seguro-desemprego, usuários dos serviços públicos de intermediação de mão de obra (IMO) e egressos da qualificação profissional. O <i>survey</i> com usuários da IMO teve 1.999 respondentes, e o de empregadores que utilizaram os serviços públicos, 1.990. A amostra de egressos da qualificação incluiu 2.039 respondentes e a de beneficiários do seguro-desemprego, 19.500.	O artigo indica as barreiras a serem transpostas para obter a integração entre os componentes do PSD. Resultados da pesquisa revelaram uma clivagem entre eles. A integração pode tornar-se um caminho na superação da relação de <i>trade-off</i> no Estado de Bem-Estar em desenvolvimento no Brasil. A experiência brasileira contribui para a discussão sobre o desenvolvimento de importantes políticas sociais que outros países também estão enfrentando.

## Quadro 1 – Revisão da literatura

(continuação)

Autor(es)	Objetivo(s)	Metodologia	Principais Resultados
Cardoso (2011)	Analisar o debate sociológico contemporâneo acerca da perda da centralidade da categoria trabalho surgido nas últimas décadas do século XX.	Apresentar e discutir os principais pontos do debate sobre centralidade da categoria trabalho.	Uma vez apresentados e discutidos os principais pontos do debate sobre centralidade da categoria trabalho, é evidente que, pela riqueza das propostas e dos elementos discutidos, o movimento surgido e o debate gerado foram de grande valia, ainda que a tentativa de desconstruir ou superar a centralidade da categoria trabalho no pensamento social tenha se mostrado inconsistente. Resta, portanto, aguardar o término da crise cíclica do capitalismo para averiguar o que o destino propõe à sociologia, ou, ao contrário, acreditar na solidez e longevidade do trabalho como categoria central da análise social.
Oliveira e Leão (2011)	Compreender a construção da identidade metrosssexual por meio do consumo.	Pesquisa qualitativa. A coleta de dados foi realizada por meio de um tipo específico de entrevista em profundidade: a entrevista longa. Para a análise de dados, utilizou-se a análise do discurso. O <i>corpus</i> dessa pesquisa foi construído por meio de entrevistas concedidas por homens das cidades de Recife, em Pernambuco, e de João Pessoa e Campina Grande, na Paraíba.	A identidade tem na subjetividade um de seus elementos constituintes. Os sujeitos colocam-se entre a marcação de suas características pessoais e de um senso estético claramente delineado externamente.
Freitas Jr., Araújo e Narciso (2010)	Analisar a produção científica nacional em relação ao desemprego e às políticas públicas de geração de trabalho e renda em âmbito municipal no sentido de apontar tendências para estudos empíricos, especialmente, em municípios de pequeno porte.	Buscou-se apresentar o município como protagonista em um processo de desenvolvimento local e regional, bem como na elaboração de execução de políticas públicas de combate ao desemprego, pois estas devem considerar as especificidades de cada território.	Vale destacar o pequeno número de artigos encontrados sobre uma temática tão relevante. Verificou-se que os artigos encontrados apontam caminhos para os municípios no combate ao desemprego. Tais caminhos envolvem: inclusão digital, incentivos ao desenvolvimento do potencial turístico regional, inclusão sociocultural, programas de conscientização, autoestima e cidadania, microcrédito, cooperativismo popular e economia solidária.

## Quadro 1 – Revisão da literatura

(continuação)

Autor(es)	Objetivo(s)	Metodologia	Principais Resultados
Marra, Marques e Melo (2010)	Analisar as abordagens sobre a aposentadoria na literatura, enquanto processo de transição, suas rupturas e reconstruções identitárias; descrever a construção da identidade gerencial ancorada nos processos de identificação e na noção de identidade pessoal e social; e apresentar o significado e o sentido do trabalho ao longo do tempo, bem como a discussão sobre sua centralidade ou “morte” no atual contexto.	Revisão teórica sobre os significados e os sentidos do trabalho ao longo do tempo, bem como a discussão sobre sua centralidade ou “morte”; a construção da identidade gerencial ancorada nos processos de identificação e na noção de identidade pessoal; as abordagens sobre a aposentadoria.	A partir da construção teórica percebe-se que o gerente aposentado pode ser privado dos principais elementos que constituem sua identidade: sua identificação com o discurso organizacional dominante, o poder sobre as pessoas, política, finanças e comunidade, o reconhecimento e o prestígio social decorrente da função ocupada; sem contar que, quanto maior o tempo de permanência ocupando um cargo gerencial em uma determinada organização, mais difícil tende a ser a sua aceitação do afastamento.
Ayrosa, Figale e Tucci (2008)	Refletir criticamente sobre estas condições de existência e controle da identidade na modernidade tardia, e mais especificamente, no âmbito do mercado.	Conhecer melhor o conceito de identidade, compreendendo melhor suas relações com o self e a subjetividade.	Propõe-se que a subjetividade seja usada como uma âncora conceitual no lugar do <i>self</i> por ser conceitualmente mais independente da noção de identidade. Compreende-se que uma grande vantagem desta mudança reside na possibilidade de propor problemas novos a pesquisadores da área de comportamento do consumidor. Conclui-se este trabalho falando brevemente sobre estes novos problemas.

## Quadro 1 – Revisão da literatura

(continuação)

Autor(es)	Objetivo(s)	Metodologia	Principais Resultados
Lima (2008)	Analisar uma situação típica do quadro de multiplicação de cooperativas de trabalho que atuam como empresas terceirizadas: a organização de cooperativas por sindicatos de trabalhadores como forma de reação ao desemprego decorrente da reestruturação industrial do setor calçadista.	Foram estudadas cinco cooperativas, de um conjunto de nove que trabalhavam para uma grande indústria do setor calçadista. A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2005, nos municípios de Novo Hamburgo e Parobé na região conhecida como Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul, principal cluster produtor de calçados femininos para exportação do país. Foram realizadas cinco entrevistas com lideranças sindicais e com vinte e sete trabalhadores, além de visitas a cooperativas com observação do trabalho.	Pode-se afirmar a existência de uma identidade operária consolidada na região na qual as cooperativas aparecem como possibilidade de ocupação vista positivamente em termos de ganhos e de democratização do ambiente de trabalho. Mas não se constitui, ainda, num movimento na direção de uma alternativa efetiva, política, na representação dos trabalhadores, para além da condição salarial. Neste momento, a situação se configura de forma defensiva, o que não significa que não assuma novas dimensões.
Pereira <i>et al.</i> (2008)	Compreender o processo de produção de sentidos acerca do fenômeno do desemprego, considerando as práticas discursivas de sujeitos envolvidos com esse fenômeno.	Este estudo está intimamente relacionado aos pressupostos de uma pesquisa edificante e qualitativa. O objeto de estudo é o fenômeno desemprego. O foco da investigação recai sobre o processo de produção de sentidos acerca desse fenômeno. Também se reportou ao quadro de referência da Região Metropolitana de Belo Horizonte e ao recorte temporal, que se concentrou no ano de 2006. Selecionou-se como corpo de análise para a pesquisa empírica todo o material documental coletado sobre as condições de produção e, ainda, os discursos construídos pelos sujeitos que, de alguma forma, estavam envolvidos com o fenômeno em estudo - o desemprego industrial -, histórica e contextualmente situados no quadro de referência (RM-BH).	Foram identificados quatro repertórios discursivos: condição de empregado (a); mudanças nas configurações do emprego no setor industrial; condição de não empregado(a); e, condição de trabalhador(a).

## Quadro 1 – Revisão da literatura

(continuação)

Autor(es)	Objetivo(s)	Metodologia	Principais Resultados
Garrido <i>et al.</i> (2007)	Analisar o efeito do processo de estigmatização e discriminação no ambiente de trabalho sobre os cuidados cotidianos à saúde e o bem-estar de homens vivendo com HIV/Aids.	Estudo qualitativo com 17 homens vivendo com HIV, realizado em 2002. Foram estudados os depoimentos em grupo para discutir as dificuldades sobre discriminação no ambiente de trabalho, utilizando análise das práticas discursivas. O grupo, proveniente de centro especializado em HIV/Aids da cidade de São Paulo, representou segmento de pesquisa anterior.	A assistência planejada com o envolvimento dos pacientes consegue ampliar a atenção psicossocial e considerar as necessidades do paciente trabalhador ou desempregado, reconhecendo que o estigma limita o cuidado, afetando a saúde mental e a evolução da infecção. Mitigar o efeito do estigma e da discriminação requer articulação política para atingir metas globalmente reconhecidas como fundamentais no controle da epidemia.
Pereira, Pereira e Brito (2007)	Destacar o desemprego a partir do próprio lugar do trabalho na sociedade contemporânea, considerando as condições particulares de democracia e de cidadania no cenário brasileiro.	Optou-se por tratar a construção da subjetividade sob a noção de individualismo desenvolvida por Louis Dumont (1985) e, posteriormente, pelos estudos de Roberto DaMatta (1990) e Luís Cláudio Figueiredo (1995), estabelecendo-se um diálogo com o primeiro, no que diz respeito, especificamente, ao cenário brasileiro.	O trabalhador, enquanto funcionário, ligado a uma instituição e, portanto, incluído em um sistema social, remete ao “indivíduo no mundo”. A partir do momento em que esses laços são cortados, os desempregados, sem lugar no sistema, são marginalizados e não podem ser compreendidos enquanto “indivíduos no mundo” ou como imersos em uma sociedade hierarquicamente organizada, e, nem mesmo, como “indivíduos fora do mundo”, questionando suas posições.
Menezes e Dedecca (2006)	Analisar a duração completa do desemprego nas regiões metropolitanas de Salvador e de São Paulo no período compreendido entre 2000 e 2002.	Utilizou-se de uma amostra de 25.477 pessoas da RMS e de 28.285 da RMSP, cujas informações foram levantadas pela Pesquisa de Emprego e Desemprego. O procedimento metodológico busca estimar essa duração por meio de dados <i>cross-sectione</i> do uso de cortes de desempregados em um período selecionado.	Os resultados apontam uma duração média em estado estacionário de 9,4 meses para a RMS e de 8,8 meses para a RMSP, quando as durações incompletas foram estimadas em 22,3 e 19,5 meses, respectivamente.

## Quadro 1 – Revisão da literatura

(continuação)

Autor(es)	Objetivo(s)	Metodologia	Principais Resultados
Fleig <i>et al.</i> (2005)	Desvendar as representações sociais elaboradas por trabalhadores em torno da perda do emprego.	Trata-se de estudo de natureza qualitativa, realizado em amostra de ex-operários de uma multinacional do setor metalúrgico-automobilístico após sua reestruturação produtiva. A presente investigação utiliza o método estudo de caso para fundamentar a pesquisa de campo. Os dados foram coletados no segundo semestre de 2002, por meio da técnica de entrevistas com roteiro semiestruturado, registradas em fitas K-7 e, posteriormente, transcritas na tentativa de resgatar nos discursos dos demitidos, a respeito do fenômeno investigado, as principais representações por eles elaboradas.	As representações apreendidas acerca do desemprego convalidam a importância dessa questão social no desenvolvimento da subjetividade humana, principalmente como fonte de pressão e ameaça à cidadania.
Souza Netto e Curado (2005)	Investigar se os ganhos de produtividade do trabalho verificados na indústria de transformação brasileira nos anos 90 tiveram algum impacto sobre o comportamento dos salários reais.	Utilizou-se o modelo de Ball e Moffit (2001), que incorpora a produtividade do trabalho à explicação da variação dos salários reais. A fim de analisar as relações entre as variáveis produtividade do trabalho e salários reais, foram utilizados dados da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física e Dados Gerais (PIM-PF e PIM-DG), realizada pelo IBGE.	Os resultados apontaram que a produtividade do trabalho foi uma variável significativa na explicação dos salários reais antes do Plano Real. Se, por um lado, produtividade do trabalho e salários reais não apresentaram relação de equilíbrio de longo prazo, por outro, a produtividade do trabalho foi significativa para a determinação dos salários reais.
Cabral (2004)	Retomar o pensamento do economista estadunidense Hyman P. Minsky e de outros economistas keynesianos a ele associados na questão do tratamento do desemprego.	Estudo empírico de linha investigativa psicossocial sobre desemprego, a partir da consideração do caráter multifacetado do conceito de saúde mental de Warr (1987). A amostra total constituiu-se de 642 sujeitos, divididos em duas subamostras, extraídas de universos distintos: trabalhadores empregados (N=184) e desempregados (N=458). A coleta de dados foi realizada por meio de um protocolo em que consta o Questionário de Saúde Geral, Questionário de Saúde Geral, com uma escala criada por Goldberg (1972).	A conclusão é de que, a princípio, o programa mostra um grande potencial de solução não apenas da questão do desemprego, mas, também, como apoio no encaminhamento de outros problemas sociais como o subemprego, a miséria absoluta e o descumprimento da legislação trabalhista. Trabalhos adicionais são necessários para uma avaliação mais pormenorizada da viabilidade de um programa destas dimensões.

## Quadro 1 – Revisão da literatura

(conclusão)

Autor(es)	Objetivo(s)	Principais Resultados
Tumolo e Tumolo (2004)	Examinar, primeiramente, os resultados de uma pesquisa com indivíduos que procuravam emprego por meio de encaminhamento do Sine - Sistema Nacional de Emprego -, de Florianópolis (Santa Catarina), com o propósito de apreender as características mais marcantes de sua vivência como desempregados.	Conclui-se que os desempregados se encontram numa situação de dificuldade e, no limite, na impossibilidade de vender não somente a força de trabalho, mas qualquer mercadoria, e, dessa forma, de comprar os meios de subsistência para poderem produzir suas vidas como seres humanos.
Guimarães <i>et al.</i> (2004)	Caracterizar as formas, a duração e a seletividade da experiência do desemprego nos dois contextos metropolitanos.	A imbricação entre estratégias familiares, políticas de empresa e configuração de políticas públicas e institucionalidades, variável de país a país, relativiza os dados estatísticos disponíveis sobre desemprego.
Toni (2003)	Discutir as diferentes interpretações sobre os fenômenos emergentes no mundo do trabalho - desde enfoques que apontam para o "fim do trabalho" até os que defendem a permanência da centralidade do trabalho -, refletindo sobre suas implicações sociais.	Como se teve oportunidade de verificar no decorrer da análise efetuada neste artigo, o lugar do trabalho na sociedade vem sendo questionado, tanto quanto resgatado, sendo alvo de amplo debate. Todavia, como afirmam muitos autores, na raiz das teses de perda de centralidade do trabalho estariam concepções que sobrepõem diminuição do emprego assalariado e diminuição do trabalho. Se for verdade que o primeiro regride, novas formas de organização do trabalho e de inserção dos trabalhadores no mercado surgem e se multiplicam, redesenhando as relações sociais que se configuram no âmbito da produção, mas que extrapolam para as mais variadas esferas da vida social. O trabalho, mesmo que reestruturado, mantém-se, portanto, como um dos vetores importantes na organização das sociedades, nas relações sociais entre indivíduos e grupos, reconfigurando relações de poder e multiplicando desigualdades sociais. Sendo assim, a apreensão e a análise dessas novas formas de trabalho abrem caminhos para a reflexão a respeito da própria transformação social.

Fonte: Elaborado pela autora

Tendo por base a construção do Quadro 1, pode-se analisar que dos 22 trabalhos levantados relativos à questão da identidade associada ao desemprego, 3 deles são direcionados à perspectiva da “centralidade do trabalho e o sentido do trabalho” (TONI, 2003; CARDOSO, 2011; KUBO; GOUVÊA, 2012); 2 são dedicados a estudar a “exclusão social e condições de desigualdade no mercado de trabalho atual”

(GARRIDO *et al.*, 2007; MARTINS, 2012) e outros 2 trabalhos, à “construção de identidades e análise de subjetividade nas organizações contemporâneas” (AYROSA; FIGALE; TUCCI, 2008; LORENTZ *et al.*, 2014).

Pode-se averiguar, ainda, que 2 trabalhos se dedicam a pesquisar as relações do “seguro desemprego e mercado de trabalho” (BALESTRO; MARINHO; WALTER, 2011; MOURÃO; ALMEIDA; AMARAL, 2013); os “significados do trabalho e aposentadoria” (MARRA; MARQUES; MELO, 2010; MARRA; SOUZA, 2012); além da investigação em torno da “crise do trabalho regulamentado” (SOUZA NETTO; CURADO, 2005).

Por fim, as demais perspectivas a que os trabalhos se dedicam são: “identidade e consumo” (OLIVEIRA; LEÃO, 2011); “desemprego, geração de trabalho e de renda no Brasil contemporâneo e o papel das cooperativas” (TUMOLO; TUMOLO, 2004; LIMA, 2008; FREITAS JR.; ARAÚJO; NARCISO, 2010); “desemprego” e “desemprego e bem-estar” (CABRAL, 2004; GUIMARÃES *et al.*, 2004; FLEIG *et al.*, 2005; MENEZES; DEDECCA, 2006; PEREIRA; PEREIRA; BRITO, 2007; PEREIRA *et al.*, 2008).

Pode-se depreender, portanto, que os elementos abordados no referencial teórico desta pesquisa – centralidade e sentidos do trabalho; desemprego e configuração do mercado de trabalho contemporâneo; subjetividade e seus entrecruzamentos com o mundo do trabalho; identidade e o papel do trabalho/emprego em sua constituição – são preocupações recorrentes dentre as perspectivas dos estudiosos da temática da identidade e desemprego.

O próximo capítulo tem por objetivo apresentar os métodos utilizados na realização da pesquisa.

### **3 METODOLOGIA DE PESQUISA**

Neste capítulo, descrevem-se os aspectos metodológicos do estudo quanto à abordagem, ao tipo de pesquisa, à unidade de análise e sujeitos da pesquisa e às técnicas de coleta e análise de dados.

#### **3.1 Tipo, método e abordagem da pesquisa**

Com vistas a atender o objetivo deste estudo, foi realizada uma pesquisa do tipo descritiva, com abordagem qualitativa. Na visão de Collis e Hussey (2005, p. 24), a pesquisa descritiva "descreve o comportamento dos fenômenos e é utilizada para identificar e obter informações sobre as características de um determinado problema ou questão".

Desse modo, por meio da pesquisa descritiva, buscou-se a compreensão de peculiaridades dos sujeitos de pesquisa, "extraídas" por meio dos relatos, permitindo uma análise criteriosa dos dados coletados.

Já a abordagem qualitativa foi adotada neste estudo tendo em vista a subjetividade do tema, bem como o objetivo de estudá-lo em profundidade. Para Godoy (1995), na pesquisa qualitativa, os dados são obtidos por meio de entrevistas, relatos, observação de sujeitos, grupos de foco, história de vida, entre outros. A abordagem qualitativa visa analisar que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, uma relação entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (SILVA; MENEZES, 2005).

Ao utilizar a abordagem qualitativa, a pesquisadora buscou compreender o impacto do desemprego na identidade do trabalhador em sua essência e em concordância com o relato dos sujeitos de pesquisa.

O método utilizado foi o estudo de múltiplos casos, permitindo, desse modo, maior alcance dos resultados obtidos, não se restringindo apenas às peculiaridades compartilhadas pelos sujeitos respondentes. Segundo Triviños (1987, p. 136), o

estudo multicasos consiste em “estudar dois ou mais sujeitos, organizações sem necessidade de perseguir objetivos de natureza comparativa”.

Portanto, a escolha pelo método de estudo de caso foi adequada a este trabalho, tendo em vista que utilizou uma abordagem em que sua essência está inserida em um contexto de relações sociais de trabalho, o que pode implicar em um menor controle de situações específicas por parte do pesquisado (YIN, 2001).

### **3.2 Unidade de análise e sujeitos da pesquisa**

Na visão de Collis e Hussey (2005, p. 73), a unidade de análise pode ser compreendida como “as variáveis sobre o qual se coletam e analisam os dados como uma empresa ou um grupo de trabalhadores, um acontecimento, um processo ou até um indivíduo”.

Para estabelecer a unidade de análise, é necessário definir o alvo de interesse do estudo, que é composto por indivíduos, grupos e subgrupos, uma comunidade ou determinada organização (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004).

Na visão de Flick (2009), os sujeitos de pesquisa são participantes que vivenciam situações que propiciam, por meio de suas falas, conhecimentos, opiniões e declarações importantes para a análise do pesquisador. Contribuindo para a questão, Duarte (2002) afirma, a respeito da seleção dos indivíduos participantes da pesquisa, que os sujeitos que vão compor o universo de investigação têm caráter primordial, pois tal seleção interfere diretamente na qualidade das informações, a partir das quais será possível construir análises e chegar à compreensão do problema apresentado. Tendo em vista tal preceito, neste estudo, os sujeitos foram escolhidos por critério de acessibilidade (VERGARA, 2003), sendo que os primeiros entrevistados indicaram outros possíveis entrevistados, o que caracterizou a técnica *snowball* ou bola-de-neve, ou seja, uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, uma espécie de rede. (BALDIN e MUNHOZ, 2011)

A técnica de seleção de informantes denominada de *snowball* (bola de neve), segundo a qual um informante indica o outro, foi proposta por Biernacki e Waldorf,

em 1981. No Brasil, ficou conhecida como “amostragem em Bola de Neve”, ou “Bola de Neve” ou, ainda, como “cadeia de informantes” conforme explicam por Baldin e Munhoz (2011, p. 331).

Assim, neste estudo, estabelece-se que a unidade de análise e os sujeitos de pesquisa coexistem, sendo eles formados por ex-trabalhadores de empresas mineradoras das cidades de Ouro Preto e Mariana/MG.

### **3.3 Técnica de coleta de dados**

De acordo com Triviños (1987, p. 112), para que a pesquisa tenha validação científica é exigido do pesquisador “uma precisa delimitação de técnicas, métodos, modelos e teorias que orientarão a coleta e interpretação dos dados”. Nesse sentido, este trabalho utilizou a entrevista semiestruturada como forma de obtenção de dados. Gil (2009) define a entrevista como “a técnica que o investigador apresenta frente ao investigado e lhe formula pergunta, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam a investigação”.

Assim, para a realização da pesquisa proposta, atendo-se ao critério de acessibilidade, em um primeiro momento, realizou-se convite a um desempregado – diretamente relacionado às empresas mineradoras da região estipulada – independentemente de qual tenha sido sua área de atuação nas empresas. A entrevista foi realizada a partir da disponibilidade, da aceitação ao convite, bem como da autorização após terem sido explicados os objetivos do estudo.

Em um segundo momento, de acordo a técnica bola de neve, cada entrevistado indicou outros. (BALDIN e MUNHOZ, 2011). Dentro desta perspectiva, o método de coleta de dados utilizado nesta pesquisa foi de entrevistas semiestruturada (APÊNDICE B). Assim, os respondentes foram indagados acerca de assuntos envolvendo a trajetória profissional, o processo de demissão e a vivência como desempregado.

Foram realizadas 20 entrevistas, recorrendo-se ao critério de saturação dos dados proposto por Gil (2009). Dessa forma, as entrevistas foram realizadas até o

momento em que se identificou que fazer novas entrevistas não acrescentaria informações relevantes ao estudo, ou seja, chegou-se a um número suficiente de participantes que permite a reincidência de informações e conseqüente saturação dos dados.

No roteiro da entrevista, constou de 24 perguntas além de informações complementares sobre os dados sociodemográficos de cada um dos participantes, que permitiu traçar o perfil dos sujeitos na pesquisa de forma mais detalhada.

É importante ter em vista o que Campos, Faria e Santos (2010, p. 38) ressaltam sobre as vantagens de se trabalhar com a entrevista semiestruturada. Os autores afirmam que:

Constitui um modo de se obterem informações sobre um conjunto de problemas e dos recursos potenciais para o seu enfrentamento, num curto período de tempo e sem altos gastos, constituindo importante ferramenta para apoiar um processo de planejamento participativo.

Quanto ao tempo e ao local em que as entrevistas foram realizadas, delimitaram-se os meses de agosto e de setembro de 2015 e a própria residência dos entrevistados, ou, em caso de eles estarem envolvidos em trabalhos informais, sem carteira assinada, elas foram realizadas nos ambientes em que estavam prestando serviços como temporários ou autônomos.

### **3.4 Tratamento dos dados**

Para o tratamento dos dados coletados, foi utilizada a análise de conteúdo, que, de acordo com Bardin (2009), é essencial para o tratamento dos dados alcançados por meio da fala.

Bardin (2009) define a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise de comunicação feita por procedimentos sistemáticos, que têm como objetivo a descrição de mensagens que permite a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Nesse processo, Campos (2004) corrobora essa ideia quando diz que a análise de conteúdo é compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento.

Desse modo, inicialmente as entrevistas gravadas foram transcritas e, em seguida, agrupadas de acordo com as categorias (significado do trabalho, Desemprego e fragmentação da subjetividade) estabelecidas para a análise. Por meio desse processo, alguns aspectos foram estabelecidos como filtro do conteúdo obtido (FRANCO, 2008).

Em seguida, realizou-se a redução do material utilizando-se de condensação, a fim de selecionar apenas os conteúdos mais relevantes relacionados às categorias estabelecidas (FRANCO, 2008).

Posteriormente, emergiram subcategorias, destacando-se aquelas com frequência superior a cinco participantes, utilizando-se de parâmetros de repetição e importância para interpretações dos teores das entrevistas. Tais subcategorias estão dispostas no Quadro 3 para melhor visualização dos dados coletados.

Por fim, trechos das entrevistas transcritas foram extraídos com o propósito de exemplificar as subcategorias analisadas. Em seguida, foi realizada uma análise e revisão do material, bem com sua interpretação. (FRANCO, 2008).

No próximo capítulo, apresenta-se a ambiência do estudo.

## 4 AMBIÊNCIA DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentam-se a ambiência do estudo em que são abordados o contexto de mineração em Minas Gerais, a caracterização geral das organizações pesquisadas e o cenário de crise que permeia o mercado de trabalho.

### 4.1 Contexto de mineração em Minas Gerais

O Estado de Minas Gerais evidencia, em seu próprio nome, a importância histórica/econômica que foi o principal motor de desencadeamento da ocupação de seu território. De acordo com Paranhos (2005), a mineração deu origem ao estado de Minas Gerais. A partir da descoberta do ouro no território do estado, desencadearam-se um expressivo fluxo migratório com a vinda de aventureiros, não só de Portugal, mas, também, de diversas regiões da Europa. A povoação do interior começou a se constituir, caminhos foram abertos, vilas fundadas, territórios delimitados, que se converteram em povoações permanentes, e, rapidamente, constituíram sociedades complexas, com diversidade étnica e alta qualidade artística cultural como no caso das cidades de Mariana e de Ouro Preto.

Carsalade, Accioly e Oliveira (2012) afirmam que as técnicas manuais rudimentares empregadas nas lavras de ouro e de diamantes no passado sofreram avanços, diversificaram-se e levaram à exploração de outros minérios, mantendo a atividade dominante e com forte representação na economia do estado até os dias de hoje. Percebe-se que a utilização de processos tecnológicos cada vez mais sofisticados, sobretudo nos dias atuais, implicou no aumento da produção e exportação, como também passou a gerar impactos ambientais, econômicos, sociais e culturais cada vez mais significativos.

São vários os benefícios da mineração, porém o modelo de extração no qual se baseia sua atividade tem causado impactos ambientais, conflitos de uso do solo e, principalmente, alterações na paisagem. De acordo com Araújo, Olivieri e Fernandes (2014), a mineração altera de forma substancial o meio físico, provocando desmatamentos, erosão, contaminação dos corpos hídricos, assim como o aumento

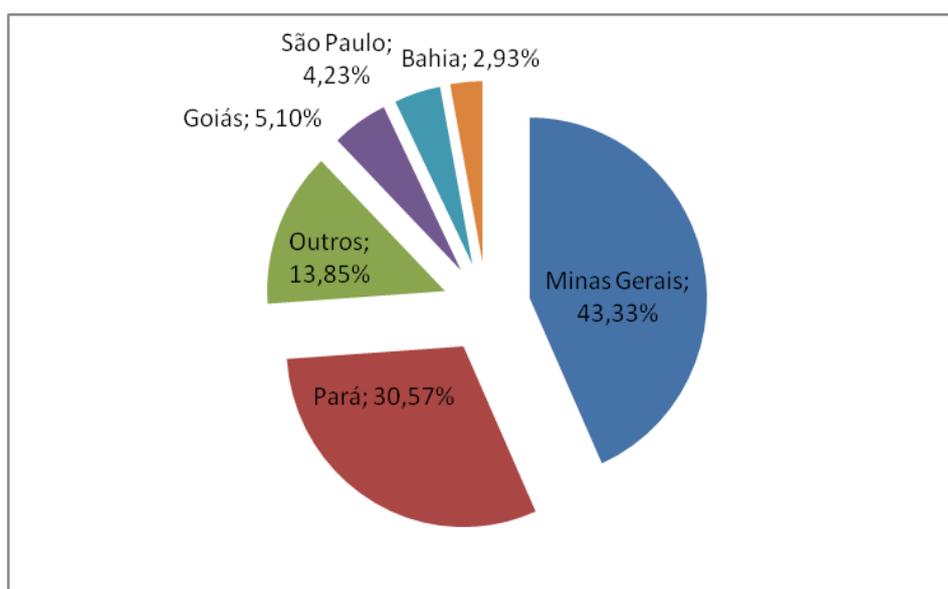
da dispersão de metais pesados, alterações da paisagem, do solo, além de comprometer a fauna e a flora. Afeta, também, o modo de viver e a qualidade de vida das populações estabelecidas na área minerada e em seu entorno, visto que as empresas mineradoras detêm influência social e política pela relação da grande dependência de empregos, pelo poder de decisão sobre o futuro dos municípios, influenciando não apenas os aspectos socioeconômicos, mas, também, as relações identitárias e subjetivas das comunidades locais em que se inserem.

#### 4.2 A importância econômica da mineração nos municípios de Ouro Preto e Mariana

O Brasil se destaca no cenário mundial como alta potência mineradora, e tem o minério de ferro encabeçando a lista de produtos que geraram as maiores rendas da exportação brasileira em 2012, segundo o Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM, 2012, p. 29).

De acordo com recolhimentos da CFEM<sup>7</sup>, os maiores estados produtores de minério de ferro em maio de 2015 foram: Minas Gerais, Pará, Goiás, São Paulo e Bahia (GRÁF. 1).

Gráfico 1 – Maiores produtores de minério de ferro em 2012

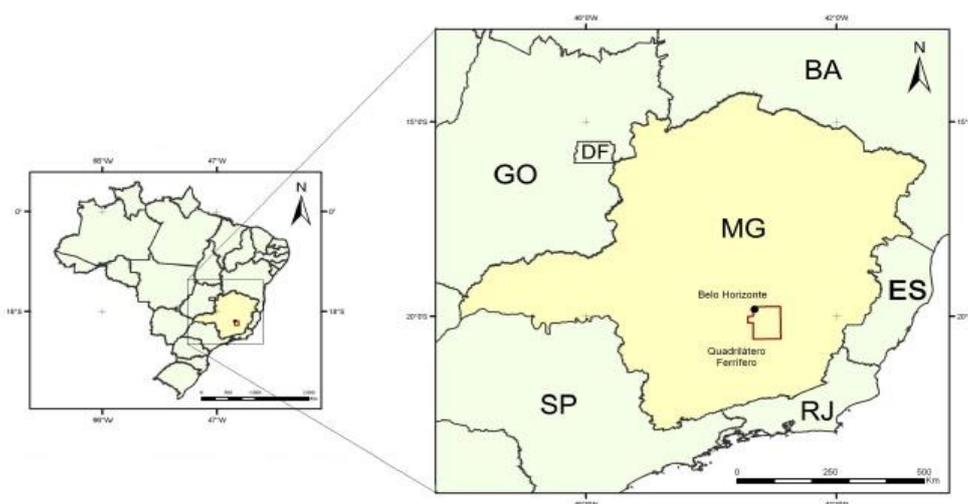


Fonte: CFEM, 2015.

<sup>7</sup> Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais.

As mineradoras Alfa e Beta importantes empresas de desenvolvimento na região, estão localizadas em um importante ponto de mineração, no Quadrilátero ferrífero<sup>8</sup>, que ocupa uma área aproximada de 7.000 km<sup>2</sup> na porção centro-sudeste de Minas Gerais (FIG. 1) e é uma das maiores províncias minerais do planeta.

Figura 1 – Localização do quadrilátero Ferrífero



Fonte: Ruchkys e Machado (2012, p.26)

O setor mineral constitui, atualmente, importante pilar para a economia do Estado de Minas Gerais, bem como dos municípios inseridos na região do Quadrilátero Ferrífero. Muitas são as substâncias exploradas nas minas instaladas nesta região e, dentre elas, destacam-se as de minério de ferro, manganês, ouro, esteatito, topázio imperial, entre outros bens minerais. O minério de ferro é, sem dúvida, o mineral que mais impacta as cidades objeto do trabalho proposto (CAMPELLO *et al.*, 2011).

De acordo com o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM, 2015), a CFEM – ou *Royalties*<sup>9</sup> da Mineração –, estabelecida pela Constituição de 1988, em

<sup>8</sup> O Quadrilátero Ferrífero (QF) é a maior província de minério do Brasil. Localizado na área central do estado de Minas Gerais, abrange uma área de aproximadamente 7.000 Km<sup>2</sup>, inserida em uma região de terras altas no centro de Minas Gerais.

<sup>9</sup> *Royalties* é como se denomina os tributos ou encargos que incidem especificamente sobre a mineração. Até a promulgação da Constituição Federal de 1988, no Brasil, havia a existência do Imposto Único sobre o Mineral (IUM) que, dependendo da situação, caracterizava-se como *royalty que incide* sobre uma as seguintes operações: extração, circulação, tratamento, distribuição, exportação ou consumo de substâncias minerais do país. Seu campo de incidência parava quando existia modificação essencial na identidade das substâncias minerais processadas (MME, 2009, p.4).

seu Artigo 20, § 1º, pertence aos Estados, ao distrito Federal, aos Municípios e aos órgãos da administração da União, como contraprestação pela utilização econômica dos recursos minerais em seus respectivos territórios.

De acordo com esse relatório, os estados com as maiores arrecadações de CFEM foram Minas Gerais (45,7%) e Pará (27,7%), grandes produtores de minério de ferro. No *ranking* dos dez municípios que mais geraram receitas de CFEM, figuram nove municípios produtores de minério de ferro: o município de Paraúpebas, com 18,7% de toda a CFEM, seguido por oito municípios pertencentes ao Estado de Minas Gerais: Nova Lima (6,2%), Mariana (5,2%), Itabira (5,0%), Congonhas (4,5%), São Gonçalo do Rio Abaixo (3,9%), Itabirito (3,4%), Brumadinho (3,0%) e Ouro Preto (2,4%).

Portanto, a atividade mineradora teve como resultado um crescimento significativo. A extração mineral causa impactos de ordem política, social e, principalmente, econômica nos municípios de Mariana e Ouro Preto.

### **4.3 Cenário de crise econômica e demissões**

De acordo com Chahad e Pozzo (2014), o quadro de inflação crescente e a conjuntura dos mercados internacionais impactam a atividade econômica interna no Brasil. Para os autores, o menor investimento em construção na China e o excesso de oferta mundial do minério provocaram uma importante redução de preços no minério de ferro no Brasil.

Chahad e Pozzo (2014) abordam ainda que a retração do mercado revela grandes ventos desfavoráveis ao crescimento brasileiro. A produção industrial recuou, em agosto de 2014, 6,9%, além disso, a recuperação americana não foi tão forte como se esperava, e o Japão ainda encontra-se em uma situação recessiva. Dentre as principais razões, os autores apontam a falta de dinamismo da produtividade em gerar crescimento, posto que as relações comerciais são uma importante razão para a desaceleração e os mercados emergentes estão sofrendo impacto negativo devido a um crescimento mais fraco de seus parceiros comerciais.

Para Ruchkys e Machado (2012), as empresas do setor de mineração vivem em constantes incertezas na gestão de seus produtos e serviços. Por serem atividades que demandam grandes investimentos em períodos relativamente longos, neste cenário de incertezas técnicas, financeiras e ambientais, impõem-se um constante monitoramento de tomada de decisão no cumprimento de cronograma e metas traçadas pelas empresas.

Nesse sentido, apesar de as cidades de Ouro Preto e de Mariana, 73.700 habitantes e 58.233, respectivamente<sup>10</sup>, serem cidades turísticas pertencentes ao circuito histórico de Minas Gerais, que representam uma fonte geradora de emprego e renda, é a atividade mineradora que constitui a maior fonte de arrecadação de impostos dessa região, abrigando empresas como Vale S.A, Samarco Mineração S.A, além de várias empresas prestadoras de serviços.

De acordo com trabalho de Carvalho *et al.* (2014) divulgado no site do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), a atividade de mineração, especialmente voltada para extração de minério de ferro, experimentou um aumento considerável na demanda em virtude do crescimento mundial puxado pela China, o que impulsionou o mercado mundial, estimulando a expansão das atividades mineradoras no Brasil.

Minas Gerais é o mais importante estado minerador do país, segundo dados do IBRAM (2015). Minas Gerais extrai mais de 180 milhões de toneladas/ano de minério de ferro, sendo a região dos municípios pertencentes ao Quadrilátero Ferrífero, dentre os quais se situam Ouro Preto e Mariana, local onde se concentram as grandes reservas minerais e os maiores extratores (ROESER; ROESER; 2010).

O aumento da demanda mundial teve reflexos nas duas cidades mencionadas, haja vista as duas empresas, Vale S.A e Samarco S.A, também terem expandido suas atividades na região, agregando direta ou indiretamente mais mão de obra.

Estimulado pela forte demanda, houve expansão da atividade de extração e, conseqüentemente, um aumento da produção mundial de minério de ferro,

---

<sup>10</sup> Dados do IBGE (2014). Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/>.

acarretando oferta maior do produto no mercado. Os municípios de Ouro Preto e Mariana ocuparam, respectivamente, as posições de 2º e 8º lugares no *ranking* dos dez maiores arrecadadores de minério segundo dados do IBRAM de 2013 e 2014 (IBRAM, 2015).

Todavia, o consumo de produtos de aço, principal utilização do minério produzido na região – estima-se que 99% da produção mundial de minério de ferro seja destinada para a indústria siderúrgica<sup>11</sup> –, que chegou a crescer a taxas superiores a 10% antes da crise de 2008. Caiu significativamente, e, sofreu seu maior impacto a partir de 2013, não tendo se recuperado até o momento (CARVALHO *et al.*, 2014).

Esse descompasso entre a demanda e a oferta fez com que o preço da tonelada de minério de ferro despencasse na bolsa de valores mundo afora, especialmente nos dois últimos trimestres de 2014 e nos dois primeiros trimestres de 2015. Depois de ter atingido valores recordes entre 2010 e 2012, acima de 170 dólares/tonelada, o preço médio hoje oscila em torno de 50 dólares/tonelada (FRANCO; BANCILLON, 2015).

Essa queda no preço do minério vem afetando diretamente as empresas da região e, indiretamente, as prestadoras de serviço que para elas estão voltadas, uma vez que vários contratos de prestação de serviço foram rompidos. A queda da demanda faz com que o preço do minério despenque no cenário mundial, e, conseqüentemente, atinja as empresas direta ou indiretamente associadas à exploração de tal insumo. E, se as empresas são afetadas, há uma ameaça à viabilidade econômica do empreendimento, acarretando, como tem ocorrido na região de Ouro Preto e Mariana, várias demissões.

---

<sup>11</sup> Dado da UNCTAD (United Nations Conference on Trade and Development) citado por Pereira (2012).

## 5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Este capítulo tem por objetivo descrever e analisar os resultados obtidos com a pesquisa, por meio das entrevistas realizadas. Para tal, na primeira seção, apresentam-se os perfis dos entrevistados. Em seguida, na segunda seção, procede-se à apresentação e à análise das questões relacionadas à vinculação do desemprego com a possível fragmentação da subjetividade dos sujeitos entrevistados.

### 5.1 Perfil dos entrevistados

Os entrevistados, desempregados, foram caracterizados pela Letra “D” seguido da numeração crescente, disposta na ordem em que as entrevistas foram realizadas. O Quadro 2 exhibe dados dos perfis dos 20 entrevistados.

Quadro 2 – Perfil dos entrevistados

(continua)

Entrevistado	Sexo	Filhos	Idade	Estado civil	Grau de Escolaridade	Função	Tempo na organização	Tempo desempregado
D1	Masculino	0	30 anos	Casado	Superior completo	Técnico Projeto	6 anos	5 meses
D2	Feminino	0	26 anos	Solteira	Superior Incompleto	Técnica Eletrecista	1 ano	1 ano
D3	Masculino	1	31 anos	Solteiro	Superior Incompleto	Técnica Eletroeletrônica.	8 anos	2 meses
D4	Masculino	1	36 anos	Solteiro	Superior Incompleto	Técnico Meio Ambiente	7 anos	6 meses
D5	Masculino	0	31 anos	União estável	Superior Incompleto	Técnico Administrativo	6 anos	8 meses
D6	Masculino	0	30 anos	Casado	Pós-graduação Especialização	Técnico de Manutenção	9 anos	7 meses
D7	Feminino	0	35 anos	Casada	Superior Incompleto	Técnica Administrativa	3 anos	3 meses
D8	Feminino	1	31 anos	Casada	Superior completo	Analista de Projetos	8 anos	20 dias
D9	Masculino	2	52 anos	Casado	Pós-graduação Especialização	Analista Tributário	28 anos	20 dias
D10	Masculino	3	47 anos	Casado	Ensino Médio Técnico	Técnico Mecânico	8 anos	5 meses
D11	Feminino	2	34 anos	Casada	Superior completo	Técnica em Segurança	8 anos	3 meses
D12	Masculino	0	31 anos	Solteiro	Ensino Médio Técnico	Técnico de Manutenção	8 anos	2 anos

## Quadro 2 – Perfil dos entrevistados

(conclusão)

Entrevistado	Sexo	Filhos	Idade	Estado civil	Grau de Escolaridade	Função	Tempo na organização	Tempo desempregado
D13	Masculino	3	56 anos	Casado	Ensino Fundamental	Técnico de Manutenção	37 anos	20 dias
D14	Masculino	0	40 anos	Casado	Ensino Médio Técnico	Técnico de Manutenção	2 anos e 10 meses	4 meses
D15	Feminino	2	33 anos	Casada	Superior completo	Analista Operacional	14 anos e meio.	1 mês
D16	Masculino	2	42 anos	Casado	Superior completo	Supervisora	17 anos	6 meses
D17	Feminino	0	44 anos	Casada	Pós-graduação Especialização	Técnico Elétrica	26 anos	2 meses
D18	Masculino	0	31 anos	Solteiro	Superior Incompleto	Técnico de Manutenção	10 anos e 2 meses	3 meses e meio
D19	Masculino	3	61 anos	Casado	Ensino Médio Completo	Técnico Administrativo	15 anos	6 anos
D20	Masculino	4	37 anos	Casado	Ensino Médio	Técnico Administrativo	5 anos	1 ano

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com o Quadro 2, os desempregados entrevistados são, em sua maioria, homens, casados e apresentam faixa etária entre 30 e 40 anos. Os dados evidenciam que a maior parte dos entrevistados apresenta ensino superior completo ou incompleto, atuaram nas empresas, das quais foram demitidos por período de tempo considerável – entre 06 e 10 anos, e estão desempregados por período que compreende até 06 meses.

## 5.2 Análise qualitativa: categorias e subcategorias

Na análise dos resultados, emergiram três categorias de análise, a saber: significados e centralidade do trabalho; desemprego; e fragmentação da subjetividade. Em todas as categorias, emergiram diversas subcategorias expressivas que apareceram nos relatos dos entrevistados. O Quadro 3 apresenta as categorias e as subcategorias de análise.

Quadro 3 – Categorias e subcategorias do conteúdo das entrevistas

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
Significado do trabalho	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Desenvolvimento profissional</li> <li>➤ Sentido do trabalho na vida pessoal</li> <li>➤ Sentido do trabalho na vida da família</li> <li>➤ Interação social</li> </ul>
Desemprego	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Significado do desemprego</li> <li>➤ Projeto de vida</li> <li>➤ Apoio da família</li> <li>➤ Comprometimento da renda familiar</li> <li>➤ Dificuldades para recolocação no mercado de trabalho</li> <li>➤ Consequências do desemprego</li> </ul>
Fragmentação da subjetividade	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Impacto na vida financeira e social</li> <li>➤ Percepção dos sentimentos</li> <li>➤ Idealização de projetos</li> <li>➤ Hábitos ou vícios</li> <li>➤ Saúde física</li> <li>➤ Saúde psicológica</li> </ul>

Fonte: Dados da pesquisa

Para compreensão dos resultados, a análise detalhada de cada uma das categorias é apresentada a seguir, levando-se em consideração as subcategorias relacionadas.

### 5.2.1 Significado do trabalho

No que tange ao “desenvolvimento profissional”, pode-se compreender a elevada incidência de entrevistados que consideram ter tido um bom desenvolvimento profissional em sua trajetória dentro da empresa. Para Morim (2011, p.9), a organização do trabalho deve oferecer aos trabalhadores a possibilidade de realizar algo que tenha sentido, de praticar e de desenvolver suas competências, de exercer seus julgamentos e seu livre-arbítrio, de conhecer a evolução de seus desempenhos e de se ajustar. De maneira destacada, relataram ter evoluído de cargo ao longo do tempo, o que para eles demonstra um bom desenvolvimento na carreira conforme identificado por D5, D10, D16, D15 e D17:

Bom, meu desenvolvimento profissional, a meu ver, foi ótimo, porque eu fui contratado com uma função específica e, ao decorrer das minhas atividades, foi verificado que eu tinha capacidade de desenvolver outras funções, e nesse meio tempo eu fazia a minha atividade de fichamento, a atividade que eu fui contratado para fazer, e fazia atividades de pessoas que estavam num nível hierárquico acima do meu, três, quatro níveis hierárquicos acima do meu. Então, como desenvolvimento profissional eu acho que foi excelente (D5).

Eu iniciei como estagiária e, quando eu conclui o curso de Administração, eu já fui efetivada direto como analista de contratos Júnior; fiquei 3 anos como analista de contratos Junior, fui promovida, faz 3 anos também, em 2012, eu fui promovida pra Pleno, fiz vários cursos pela Fundação Dom Cabral, Getúlio Vargas, então, assim, eu fiz bastante cursos fora a graduação pela empresa, a empresa incentiva muito essa questão (D10).

Foi bom, eu comecei na empresa como operador de usina, né, passei por vários cargos, fui promovido pra técnico, técnico de controle de processo I, II e coordenador de área, fiscal de contrato da empresa na vale, e estava sendo preparado pra assumir vaga de supervisão (D16).

Eu comecei, né, com 18 anos na empresa, lá eu entrei no turno e fiquei 2 anos e meio trabalhando no turno como técnica, depois eu fui pro administrativo e aí fui seguindo carreira, né, do administrativo fui a técnico I, técnico II, técnico de especializado, por último era analista operacional, que é um cargo de nível superior, né, e fazendo o mesmo serviço administrativo, legislação, sistema da qualidade, enfim, toda a minha carreira foi lá na empresa, (...) tudo que eu aprendi, né, profissionalmente foi lá, foi, né, desenvolvi lá os cursos o meu desenvolvimento profissional foi todo nessa empresa (D15).

Eu entrei como auxiliar, né, fui desenvolvendo como técnica, passei a ser supervisora e depois me tornei gerente (D17).

Nessa acepção, Morin (2011), destaca que o sentido que uma pessoa encontra na função exercida, o sentimento de responsabilidade que ela vivencia em relação aos resultados obtidos e o conhecimento de seu desempenho no trabalho impactam na motivação e satisfação do trabalhador.

Kubo e Gouvêa (2012) apontam que o trabalho tem sido visto não somente como forma de obter a renda, mas também como atividade que proporciona realização pessoal, status social e possibilidade de estabelecer e manter contatos interpessoais, entre outros. Ao analisar o “sentido do trabalho na vida pessoal” dos trabalhadores demitidos, identificou-se que o trabalho para maioria deles significa além de um meio de subsistir, um meio pelo qual se faz viável adquirir bens materiais, adquirir conhecimento, *status*, construir as relações familiares e preencher e dar sentido a vida. Identificou-se ainda, que, para esses, o trabalho em si representa a construção da vida, ressaltando que a aquisição de bens materiais é possibilitada por meio do trabalho, o que se associa ao *status* por possuir algo que os confere aceitação em determinado grupo social, o que pode ser evidenciado nos relatos a seguir de D4, D3, D8, D15 e D17:

Eu acho que representa o desenvolvimento, meu crescimento, né. Acho que a maioria da grande população, a gente pode considerar que é de classe média baixa e eu não sou diferente, e como tem que pagar as dívidas, as contas do dia a dia, água, luz, telefone e tudo, não fui nascido num berço de ouro, então tenho que pagar as contas, né, trabalhador brasileiro mesmo normal (D4).

Pra mim é, vamos dizer assim, é a oportunidade de eu conseguir não só bens materiais, como adquirir conhecimento tanto com relação à minha função, como no caso de estudar, então, assim, conseguir certo *status* e agora principalmente poder proporcionar coisas pra minha filha (D3).

Através do trabalho, eu consegui construir tudo que eu tenho hoje, na minha família, a minha casa, os meus bens, tudo que a gente conseguiu construir foi com o trabalho, além do que, ocupar a cabeça, desenvolver, aprender com o outro, conviver com pessoas diferentes, então, assim, o trabalho representa acho que tudo na vida de uma pessoa, ficar sem trabalhar, não digo, ficar sem ficar, né, sem empresa, mas eu digo o fato de ficar em casa, não fazer nada, eu acho que não combina comigo, não tem a minha cara e nem o meu perfil, então, assim, a gente, já estou pensando numa nova perspectiva, o que fazer, como fazer, neste momento, eu até peguei uma festa infantil pra fazer pra não ficar sem fazer nada, estou pensando em concurso público, enfim, tô pensando em abrir alguma coisa, o fato é que ficar parada pra mim não dá, ficar sem fazer nada, ficar de dona de casa pra mim não combina (D8).

Através do trabalho, eu consegui construir tudo que eu tenho hoje, né, na minha família, a minha casa, os meus bens, tudo que a gente conseguiu construir foi com o trabalho, além do que, ocupar a cabeça, desenvolver, aprender com o outro, conviver com pessoas diferentes, então, assim, o trabalho representa acho que tudo na vida de uma pessoa, né (D15).

Na realidade, o trabalho ele vem como uma base, como um todo, né, porque, como que fala, nesse emprego que eu acabei conhecendo o meu marido, e que eu estudei, então, assim, toda a formação que eu tenho hoje é mediante aonde que eu trabalhei, o meu desenvolvimento, profissionalismo todo que eu tenho hoje também é de lá, então, assim, a empresa é a empresa que representou muito na minha vida que vai ficar marcado para o resto da minha vida, não tem como, é uma vida inteira, né, são 26 anos, não é um dia (D17).

Trabalho é tudo, o emprego é o link direto da sobrevivência (D19).

Meu pai não me ensinou a ser qualquer pessoa, me ensinou a trabalhar, a minha mãe, eles não estão juntos, mais deixaram uma coisa muito boa pra mim, que me ensinaram a trabalhar, o trabalho enobrece a pessoa e é o que paga as minhas dívidas, as minhas contas e me faz ser um homem de respeito, de caráter (D20).

Nesta perspectiva, os dados reafirmam os pressupostos apurados por Marra e Souza (2012), quando afirmam que o trabalho significa vida, auxilia no resgate de alguma forma de *status* e poder. Some-se a esse fato, o que Borges (1998)

menciona acerca dos significados do trabalho que vai do individual ao social, referindo-se à subsistência, ao sentido existencial, à estruturação da personalidade e à identidade do indivíduo. Observa-se, ainda, que o trabalho não é apenas meio de satisfação das necessidades básicas, mas, também, fonte de identificação e de autoestima, haja vista que o indivíduo desenvolve habilidades, competências e potencialidades no contexto laboral. (NAVARRO; PADILHA, 2007).

No que se refere ao “sentido do trabalho na vida familiar”, vários aspectos foram evidenciados. Os mais expressivos estão relacionados ao sustento e à dependência financeira da família, bem como à questões de autoestima e do desenvolvimento social. Vejam os depoimentos de D1, D3, D5 e D14:

Como eu disse, realmente a autoestima. O homem, eu por ser homem, tenho o lado pilar da casa e isso acaba influenciando, que tudo vem pra cima do homem, então tem todo esse lado (D1).

É muito importante, porque, assim, desde novo, eu vejo meu pai trabalhando de horário, aquela coisa toda, saindo com chuva a noite para ir trabalhar e, assim, eu sempre aprendi que seria importante eu seguir, não exatamente como ele, mas segui o exemplo dele (D3).

Bom, como eu disse, ele vem para garantir as nossas necessidades mais básicas, né, o que não deve ser um meio de atrapalhar a convivência familiar, as coisas extras, fora do trabalho, né, o lazer, encontro com amigos, famílias, parentes. Então, assim, o trabalho vem como forma de garantir essas necessidades básicas: alimentação, vestimentas, moradia, as coisas básicas e as coisas supérfluas também, e ajuda também a manter esse contato, uma coisa mais de lazer mesmo (D5).

Olha o trabalho, ele, o que ele exerce na vida da família, ele é importante porque, vamos dizer, todo tipo de trabalho, seja qual for ele, quando o indivíduo, ele está sendo capacitado pra certos tipos de tarefas, o trabalho ele envolve toda uma sociedade, ajuda, não só pessoal, mas é coletivo, né, então, se uma pessoa esta trabalhando ele está gerando novos empregos, então, com isso, a satisfação ela é geral (...), eu estando satisfeito, outros vão estar satisfeitos, porque eu tô, tá circulando dinheiro na cidade, como se fala, os benefícios, o que eu ganho, o que eu trabalho, o que os outros ganham tá, circulando na cidade, então, eu acho que o benefício principal é esse (D14).

A baixa estima, também evidenciada, afeta não só os entrevistados, mas, repercute na família, trazendo aspectos negativos e desgaste emocional. Os entrevistados D4, D7, D10 e D5 eternalizam tais fatos:

Eu acho que o trabalho, para começar é uma coisa importante, acho que todo mundo que está inserido no mercado de trabalho, que está trabalhando, é questão primeiro da autoestima, ao sentir que está desempregado, a autoestima já abaixa um pouco e, isso já impacta na família, trazendo uma série de problemas. E, principalmente, como eu falei de primeira, uma das perguntas que você perguntou foi se eu tenho filhos, e aí já é a preocupação com o crescimento dos filhos, a educação dos filhos, o emprego representa muito, você pagar as contas em dia e essa questão da estima que eu falei (D4).

Além da rentabilidade, de independência e colaboração, faz falta no desenvolvimento da família, no crescimento não só meu, mas do meu esposo também, é crescimento para os dois, não só meu, mas dos dois (D7).

O trabalho, nossa mãe, eu sem o trabalho, a minha família passa fome, porque ele, em relação a minha família depende muito do meu caráter, da minha personalidade e do meu grau de profissionalismo, então, cada dia eu tenho que procurar mais capacitação profissional pra manter o meu bem-estar e o bem-estar de toda a minha família, mas sem ajuda de custo, sem o salário não é possível (D10).

Bom, o primeiro momento é muito ruim, você não ter condições de prover o sustento e as necessidades de sua família, nem o seu e nem o da sua família (D5).

Foi possível identificar que a maioria dos entrevistados são os responsáveis pelo sustento de suas famílias, dado que corrobora o perfil preponderante dos sujeitos pesquisados (casados, na faixa etária entre 30 e 40 anos), sendo, portanto, os responsáveis pela criação dos filhos, tornando o emprego um meio de sobrevivência, realização de objetivos e sonhos. Esse dado coaduna com o que afirma Pereira e Brito (2006), quando mencionam que o impacto do desemprego é ainda maior para trabalhadores incumbidos do sustento familiar, com reflexos na estrutura familiar.

Outro aspecto que merece atenção na análise relaciona-se com o fato de o trabalho, na visão dos entrevistados, ser considerado meio de “interação social”, pelo qual se estabelecem trocas sociais que consideradas importantes, conforme expresso nos relatos de D7, D16, D9 e E3:

Foi ótima. Tanto é que assim, direto, o pessoal me liga me perguntando como é que eu estou, se eu já arrumei alguma coisa, se está tudo tranquilo, não é a mesma coisa como se eu estivesse lá, né, porque eu não tenho contato com eles, mas é excelente (E3).

Representa muito por se tratar de desenvolvimento, crescimento, aprendizado, e desenvolvimento como pessoa mesmo e relacionamento com as outras pessoas também, porque, no trabalho, nós desenvolvemos também um círculo social e isso eu considero muito importante, é fundamental na vida da pessoa (D7).

Olha, muitos me ligaram, né quando ficaram sabendo da minha demissão, a equipe com a qual eu trabalhava, no momento em que souberam da minha demissão, eles se retiraram da área, foram todos pro vestiário, né, pra saber o que que tinha acontecido e, assim, eu recebi, até que, assim, a parte dos colegas foi, eu até não imaginava que seria tão assim, que as pessoas se preocupavam tanto assim, com a minha pessoa, a parte dos amigos foi boa, até hoje eu encontro com pessoas que mandam mensagens, procuram saber como eu estou, se eu já estou trabalhando, até que o relacionamento com os colegas ainda tá bom (D16).

Alguns eu tenho contato, né, alguns inclusive ou ligaram, ou passaram email, comentando comigo, muita gente, assim, eu falo e nem acredita na hora que eu falo; fui demitido! Tem gente que fala; você está brincando! Então, assim, os colegas, alguns já entraram em contato, tem uns que ligam e perguntam como estou passando. Então, eu acho legal isso, então eu tive um ex-chefe que eu encontrei e perguntou se estava legal mesmo. Eu falei assim; não, eu estou legal, eu tô legal, sim. Então, assim, eu acho bacana essa parte aí, tanto o ex-colega preocupando com você, como você está passando, se você está precisando de alguma coisa, então, essa parte assim é muito bacana (D9).

Nesse contexto, Freud (1974) destaca que o trabalho é a atividade que proporciona certa direção à vida, estabelece uma noção de realidade, e, também, representa uma possibilidade de vínculos entre as pessoas. Por meio do trabalho, o sujeito modifica a natureza e a si mesmo, constituindo-se em um processo de transformações que engloba tanto o meio que o cerca quanto a própria subjetividade. Também Vasconcelos e Vasconcelos (2001) apontam que a identidade é construída por meio da interação social, sendo o trabalho, a principal fonte de contato entre os sujeitos adultos.

Observa-se que os entrevistados foram unânimes em destacar que a “interação social” diminui com o desemprego. Segundo os dados obtidos, houve, no início, uma tentativa de aproximação, mas, com o passar do tempo, esse contato foi se desfazendo. Neste sentido, destaca-se que, para um número significativo de entrevistados, os colegas de trabalho os reconheciam apenas como trabalhadores da empresa. Desse modo, observa-se que a identidade do sujeito atribuída pelo outro fica “apagada” ou “desconhecida” fora do ambiente de trabalho, tendo em vista

que essas pessoas são reconhecidas apenas pelo cargo ocupado na empresa. Essa situação é evidenciada por D5, D6, D14 e D17:

Bom, da minha parte não houve muita interação, mesmo porque, em sua maioria, só se reúnem para eventos sociais de trabalho, proporcionados pelo trabalho, a gente tinha grupo de whatsapp do trabalho, então, como eu não fazia parte mais da empresa e não tinha nada mais correlacionado com o trabalho em si, eu preferi me afastar. Eu não tive contato, até porque, como eu não faço mais parte da mesma empresa que eles, eu não tenho o que tratar profissionalmente com eles (D5).

Se afastaram, assim, eu não tenho mais proximidade com eles e muitos, assim, até parece que não enxerga a identidade que a gente tem, né, ligava a minha pessoa ao trabalho, de certa forma eles parecem que não me reconhecem mais fora da empresa, ligava a minha personalidade ao cargo e a função que eu exercia (D6).

Olha, sinceramente meus ex-colegas, é muito difícil eu encontrá-los na rua, e te ligarem também, antigamente quando eu estava, prestava serviço na empresa, o contato era gradativamente direto, nas folgas, as pessoas se ligavam, conversavam, marcavam, como vou te dizer, marcavam é, pra sair, pra conversar, pra tomar uma cerveja, às vezes até falava do próprio serviço, do próprio trabalho, e agora eu acho que com esse desligamento, eu acho que não só eu, eu acho que as pessoas se afastam, não sei, se afastam e, eu geralmente não vejo ninguém (D14).

Não ficou tão próximo, né, porque eu já esperava isso, porque a partir da hora que você é desligado, a rotina de quem trabalha ela é muito pesada, então acaba a semana, o mês, e acaba sendo engolido como se fosse hora, aí são poucas pessoas que às vezes se comunicam no whatsapp, no primeiro momento, muitas pessoas se comunicaram, foram solidárias, mas depois acabam se afastando (D17).

Desse modo, Singer (2000) evidencia que o desemprego implica em uma exclusão social de difícil assimilação, cujos efeitos ecoam sobre a constituição subjetiva do trabalhador. Nota-se tal fato também nos depoimentos de D6, D1 e D19:

Alguns aos quais eu já era próximo, esse relacionamento manteve; agora, muitos outros, se afastaram, né, assim, eu não tenho mais proximidade com eles, e muitos, assim, até parece que não enxerga a identidade que a gente tem, né, ligava a minha pessoa ao trabalho, de certa forma eles parecem que não me reconhecem mais fora da empresa, ligava a minha personalidade ao cargo e à função que eu exercia (D6).

No meu caso, meus ex-colegas de trabalho também foram todos demitidos. Poucos que ainda estão trabalhando, a interação acaba que diminui um pouco, que você fica um pouco retraído justamente por causa da autoestima (E1).

Normalmente dentro da empresa, o grau de interação é 100%, a partir que você muda, o mundo aqui fora é totalmente diferenciado, é outro mundo. Então, a interação não existe mais? Não, muito pouco, só a dos que são verdadeiros amigos (D19).

Além do mais, o sujeito deixa de pertencer ao grupo em que estava inserido. Com isso, vão-se os referenciais comuns partilhados com os colegas de trabalho.

### 5.2.2 Desemprego

No que tange ao “significado do desemprego”, na visão dos entrevistados, observou-se de forma mais acentuada que significa fragmentação da subjetividade, tendo em vista que o trabalho confere algo além do sustento financeiro e material, mas exerce papel importante na construção de vínculos afetivos e emocionais, o que pode ser observado nos relatos de D1, D3, D8 e D18:

O desemprego hoje é como se fosse realmente a perda de identidade. Hoje é difícil falar que eu não vivo sem dinheiro e não vivo sem emprego; não só pelo lado financeiro, mas é também o lado emocional, a identidade, a autoestima, é o que move um homem (D1).

Sinceramente, eu acho que é um dos piores sentimentos. Você se sente incapaz, às vezes tem vontade de ter vida social e você não pode, tem vontade de comprar algo, acho que é um dos piores sentimentos que o ser humano tem (D3).

Pois é, eu nunca tinha vivido isso antes, eu nunca tinha vivido essa situação, “status desempregada”, então, foi uma coisa, tudo que é a primeira vez, eu acho que é mais sofrido, então, pra mim, foi muito difícil. Então, foi um baque, um choque pra todo mundo, então, além de ter que administrar isso comigo, pra mim, eu tive que administrar isso em relação à minha família, aos meus amigos, porque ninguém conseguiu entender, e eu não consegui explicar, o pior de tudo era isso, eles não conseguiam entender, eu não conseguia explicar, então bateu um sentimento de incompetência, de desespero, é um sentimento completamente novo, então, foi muito difícil, muito difícil, eu não sei se eu ainda estou sabendo lidar não, mas, agora, eu tô levando um pouco mais de tranquilidade (D8).

Assim, primeiramente eu acho que essa condição pra mim é um pouco meio que depreciativa, né, você começa a se colocar num, ter um ponto de vista meio que negativo, principalmente desse fato, né, de já vou pra 4 meses aí parado, então, você já tem aquela idéia assim; poxa... eu não consigo arrumar serviço, eu não tenho, não estou conseguindo voltar ao mercado de trabalho, apesar que o momento é de crise, você começa a ficar mais depressivo em relação a essas condições, assim, pra mim muitos dos empregos em si, ele é praticamente uma, como eu posso falar assim, é um casulo, né, ele te prende, ele te inibe, tira com a vida social, vida

profissional, sei lá, você se torna tão nula entendeu, fica meio que absoleto, você não tem uma, acho que perde a vida em si mesmo (D18).

Tais achados corroboram Marra *et al.* (2011), quando enfatiza que é por meio do trabalho que o homem se identifica, é com ele e por ele que, em grande medida, o homem ocupa uma posição na sociedade. Cattani (1996) explica, ainda, que o desemprego afeta os diferentes grupos sociais de diferentes maneiras. O trabalhador, além de perder sua fonte de renda, é alijado do convívio social, afastado da esfera produtiva e tem de se adequar a sua nova realidade, reorganizando-se subjetivamente.

Ao analisar os “projetos de vida”, no período do desemprego, os resultados mais expressivos dividiram-se entre a conclusão dos estudos, uma vez que um número significativo de entrevistados estava estudando no período da demissão, e a dedicação aos trabalhos informais, tendo em vista que os entrevistados já possuíam algum *hobby* ou trabalhos extras quando ainda estavam empregados. Os relatos de D3, D15 e D18 materializam tais observações:

Como eu estou finalizando um curso hoje de graduação, eu tive que fazer novos cálculos. Recalcular minha renda, os custos, para poder finalizar esse projeto da minha vida que era finalizar os estudos. Graças a Deus eu vou conseguir finalizar, mas eu tive que recalcular os meus custos (D3).

Agora eu estou pensando em mexer com mimos mesmo de festa de decoração, essas coisas que eu gosto de fazer, de festa de criança, de adulto também, né, esses mimos que tem, né, que tá usando hoje, mas não tem nada ainda definido, definitivo na minha cabeça, eu quero fazer alguma coisa, seja empregada, seja dona de alguma coisa, mas eu não consegui ainda definir o que fazer não (D15).

Eu estou aprimorando o meu inglês que é o meu ponto frágil, e estou correndo atrás do meu projeto de um plano B, que é o que eu quero perdurar durante a minha vida que, na realidade, eu já queria fazer esse plano B, que é montar um negócio próprio e, ao mesmo tempo, estou trabalhando na recolocação profissional (D18).

A esse respeito, Ribeiro (2009) ressalta que o projeto de vida tem relação direta com a construção da identidade, dos objetivos e das expectativas de vida do sujeito. O autor ainda ressalta a relevância da restituição da capacidade de construção de referência, para espelhar-se com vistas à reinserção no mercado de trabalho.

Ao analisar a percepção de familiares sobre a atual situação de vida dos entrevistados, observou-se o total “apoio da família”. Percebe-se que no momento de dificuldade que estão vivenciando, o apoio que recebem da família é fundamental, tendo em vista que o desemprego afeta o emocional e o psicológico dos entrevistados. Desse modo, a força recebida funciona como impulso para seguir a vida e pensar em novos projetos. Isso pode ser evidenciado nos relatos ilustrativos de D6, D10, D15 e D18:

Assim, a família ela percebe, sim, e até apoia de uma forma mais carinhosa, até pela questão psicológica em si, então eles ficam do lado, estão apoiando e estão sempre dispostos, sempre prontos ajudar. Meu irmão mesmo, sempre buscando nas empresas em que trabalha oportunidades de emprego e tudo, então, assim a família está do lado apoiando (D6).

Hoje, a gente percebe que envolve todo um empenho, né, aí, agora todo mundo exerce da sua forma dentro do possível, cada um vai colaborando, e a gente vai se organizando para as coisas caminharem sem gerar transtorno (D10).

Confiam em mim, mas, estão dando força, estão do meu lado pro que eu precisar, assim as pessoas dizem, o meu marido me apoiando e falou que agora eu sou a cabeça pensante, que eu vou pensar, vou desenvolver algo bacana pra depois a gente colher frutos, então, acho que é confiança (D15).

A minha família graças a DEUS, eles me apóiam bastante, minha mãe, meu pai, moro com meu pai ainda, então eu tenho bastante apoio deles, meu irmão me apoia sempre, ele já esteve nessa situação de desemprego também, inclusive nessa mesma empresa que eu, então, como eu ajudei ele na época ele me ajuda hoje, meus amigos assim, é aquela situação, eles ficam até meio que incomodados, tem o mesmo sentimento de perda que eu tenho, eu acredito que os amigos têm esse sentimento, também, e acaba que assim, a gente se apoia completamente na família nesse momento. (D18)

Ressalta-se, assim, a importância que o apoio familiar exerce na vida do trabalhador desempregado, uma vez que a desvinculação do mercado de trabalho favorece o aparecimento de diferentes formas de problemas, causando sofrimento e propiciando o surgimento de doenças (LIMA; BORGES, 2002).

Ao investigar a “comprometimento da renda familiar” antes e após o desemprego, os entrevistados foram unânimes ao relatar que, com o desemprego, a renda familiar ficou comprometida. Ressalta-se que além do comprometimento do salário, a falta de benefícios como plano de saúde, cartão alimentação e auxílio creche, também

foram fatores que impactaram de forma negativa a vida dos entrevistados. Os relatos de D3, D5, D10 e D20, mostraram essa situação:

Foi muito significativo, porque eu ajudo bastante lá em casa, então, assim, com o fato de não estar mais sendo aquela renda minha ou ter reduzido drasticamente, porque eu estou no período de seguro desemprego, assim, a gente sente muito e já começa a economizar daqui e dali para ir levando, né, porque a gente não sabe quanto tempo iremos ficar desempregado (D3).

Bem, impactou drasticamente. Cerca de 80% da renda familiar foi embora com o desemprego. O complicado foram os benefícios como plano de saúde, plano odontológico, um cartão alimentação que a gente tinha e hoje eu passo a não ter, então eu dependo de ter um gasto maior com isso. Mas na época eu acho que foi 80% a menos, hoje eu acho que já está mais ou menos equilibrado (D5).

Nossa, bastante porque, se for pra olhar bruto, igual eu tinha o vale creche, então, assim, eu vou ter que tirar os meninos da escola. Manoela vai ficar na escola, mas o berçário eu não consigo, a gente não consegue inserir mais toda essa despesa com as crianças no orçamento hoje, no nível que era, então vai cair, nesse primeiro momento vai cair sim, até que eu me restabeleça, a gente vai ter que rever o que fazer, como fazer, como controlar esses gastos, né, tem gastos que não tem como diminuir mesmo, então, é um baque grande, é um orçamento que assim, líquido era uma coisa que representava muito aqui dentro de casa, falava que o meu dinheiro rendia demais, eu fazia muita coisa com ele, muita coisa mesmo que não dá nem pra acreditar, então é um baque grande (D10).

Então, o meu trabalho eu tinha ali, podia contar todo mês, eu tinha ali aquele tanto ali de valor, né, a gente fala em espécie, a gente podia quitar as minhas contas, igual eu estava falando, tinha um plano de saúde igual, atendia os meus filhos, plano dentário ajudava bem, hoje eu perdi, não tenho plano de saúde, dependendo do SUS (E20).

Martins (2006) afirma, neste sentido, que os indivíduos afetados pelo desemprego são submetidos às condições econômicas diversas, e que, por isso, eles estão excluídos dos meios costumeiros de obtenção de recursos financeiros. Tal condição torna instável a própria subsistência, fragilizando a natureza psicológica dos sujeitos que foram penalizados e reinserção no mercado de trabalho por esses sujeitos tornam-se cada vez mais complexos.

Com relação às dificuldades enfrentadas na busca de novas oportunidades para realização profissional ou pessoal, a maioria dos entrevistados evidenciou a “dificuldade para recolocação no mercado de trabalho”. Os fatores apontados relacionam-se à questão da crise econômica enfrentada pelo país, uma vez que não

encontram oportunidades, uma vez que as empresas não estão contratando funcionários. Outro fator observado refere-se ao tempo de trabalho e experiência na empresa, pois se identificou que a experiência se torna uma dificuldade, tendo vista que o excesso de experiência pode exceder o exigido pela nova função. Os relatos a seguir de D17, D6, D7 e D13 revelam tal fator:

A realização pessoal, eu estou postergando, né, e agora a profissional, realmente está difícil, mas tem que, não pode ficar desesperado e ficar correndo contra o tempo, infelizmente é o que está ocorrendo, o que eu estou fazendo é aprimorar o meu inglês para facilitar a minha recolocação, então é a parte que eu sei que é a de maior dificuldade minha e eu sei que qualquer profissional hoje exige uma segunda língua (D17).

Diante do cenário que a gente está vivendo, está um pouco difícil. Tenho concorrido a poucas vagas e as poucas vagas que eu tenho concorrido são muitos candidatos. Então, assim, está bem difícil. Uma das principais dificuldades é o tempo que eu fiquei na empresa, a experiência que eu obtive, muitas vezes ela não pode ser usada em outras empresas, outras funções que eu venha a desempenhar. Então está difícil achar uma oportunidade que se iguale às experiências que eu tenho (E6).

No momento sim, devido à situação que o país passa e o mundo também; pois a gente vê que não tem portas abertas, quando o mercado está em ascensão, se você foi demitido por uma situação, você tem outras oportunidades, mas no momento que o desemprego é grande eu vejo uma certa dificuldade. E a questão da experiência também, que muitas vezes oportunidade de trabalho, mas falta experiência naquela determinada função que você é exigida ou muita experiência além do que até aquela própria função exige para executar (E7).

No momento está sendo porque a situação não é só minha, a situação é do país inteiro, então dentro dessa situação aí, então ficou escasso pra todo ramo, pra todo mundo tá, fica difícil. É porque o mercado está muito escasso, devido a esta crise econômica, então todos os mercados de ramos profissionais, não está tendo essa abertura (E13).

Os achados corroboram Beyda e Casado (2007), quando evidenciam que no atual contexto, não há mais garantias de emprego, tampouco formação e desenvolvimento do capital humano dentro das organizações, de modo que predominam as incertezas das relações de trabalho cada vez mais precarizadas em decorrência da falta de espaços para todos.

No que tange às “consequências do desemprego” na vida do indivíduo, identificou-se, na percepção dos entrevistados, que os aspectos mais afetados são os relacionados à autoestima e às finanças. Os dados evidenciaram que sem autoestima o trabalhador sente-se incapaz e impossibilitado de buscar novas

oportunidades de emprego. Já a falta de recursos financeiros impede que o trabalhador honre seus compromissos, muitas vezes básicos à manutenção da família. Os relatos de D6, D13, D14 e D20 exemplificam esse fator:

Eu conheço pessoas que são pais de família, tem filhos, e o desemprego tem prejudicado principalmente a autoestima dessas pessoas, que se sentem para baixo ali, e mesmo inferiores até, com receio de concorrer a novas oportunidades de emprego (D6).

Muitos entram em desespero, porque muitas dívidas, muitos os compromissos que já tinham no mercado já, e, hoje, não têm como nem manter esse compromisso, talvez nem de manter a renda da família, com a alimentação da própria família hoje (D13).

Olha, tem muitas pessoas que em questão assim, quem mora de aluguel são os principais afetados, e quem tem filhos, fora as contas que você tem que pagar, mensais, outros tipos de encargos sem ser os alugueis, é muito complicado porque tem pessoas que estão passando um perrengue mesmo (D14).

É, esse ano eu ainda não comprei sapato pra minha mulher, pra minha menina, eu falei com elas; espera mais um pouco, aí tô fazendo um bico dali, outro bico daqui pra tentar ver se leva um ganha pão mais apurado pra casa, sem fazer gracinha, sem gastar nada, não pode fazer gracinha, aquela cervejinha que tem ali é uma vez no mês e olha lá, não tá tendo jeito não, tá. Churrasco, então, está sendo na casa de amigo se for combinado (D20).

Desse modo, as consequências do desemprego podem acarretar uma série de transtornos. A esse respeito, Pinheiro e Monteiro (2007) evidenciam que o desemprego desestrutura os laços sociais e afetivos, restringe os direitos, instaura a insegurança socioeconômica, e, com consequência, traz uma série de problemas à autoestima. Atrelado ao desemprego e a seus efeitos, estão relacionados também a solidão, o desânimo, a sensação de fracasso e o desenvolvimento de distúrbios mentais em geral.

Ainda, com relação ao desemprego, questionou-se aos entrevistados se eles identificam algum momento em que o desemprego passou a ser mais presente no cotidiano da empresa em que trabalhou. Para a maioria dos entrevistados, o fator preponderante relaciona-se à crise no preço do minério de ferro. Devido a essa crise, as mineradoras se sentem forçadas a baixar o custo de produção e, conseqüentemente, a demitir funcionários com maior tempo de empresa e contratar

novos trabalhadores com salários mais baixos. Os relatos a seguir, de D5, D6 e D8 evidenciam esse contexto:

Mas eu acho que na nossa região aqui é um pouco além da conta, além do mensurável, mas eu acho que a suposta crise que nós estamos vivendo hoje, que eu acho que também não é o motivo, porque a gente tem uma crise de um preço de minério baixo, mas a gente tem um dólar muito alto, e a produção aumentou e triplicou com a expansão dos mineradores na nossa região. Então, eu acho que uma coisa compensou a outra, porque o preço de produção dessas mineradoras é em real e a venda dela, o lucro dela é em dólar, então eu acho que uma coisa equilibrou a outra. Eu acho que é mais uma desculpa para eles reestruturarem a empresa e conseguir enxugar o máximo os gastos, para que eles continuem sempre tendo crescimento esperado (D5).

E essa crise que vem afetando, vem forçando as empresas, a crise no minério de ferro, que era a minha situação, em que eu trabalhava na empresa de mineradora, e é onde as empresas se sentiram forçadas a baixar o custo de produção e por sua vez demitir alguns profissionais mais experientes, de mais tempo, por causa dos altos salários, e, talvez, contratarem pessoas de salários mais baixos (D6).

No caso da mineração, é o preço do minério, eu não sei realmente se o Brasil está em crise não, eu às vezes tenho essa desconfiança, porque eu acho que talvez seja um jogo político, mas, enfim, agora na mineração a gente sabe que a questão do preço tá muito ruim, a gente vendia toneladas de minério de pelotas de minério de ferro à 200 dólares, hoje tá 47, então a pressão por redução de custos, aumento de produtividade, aumento de produção, então nunca se viu um momento tão ruim (D8).

Observou-se ainda que o desemprego é um problema que afeta níveis, formações e pessoas qualificadas indistintamente. Assim, corroborando os dados, Antunes (2010b) explica que as transformações vivenciadas pelos trabalhadores na sociedade atual no processo de trabalho e de produção capitalista foram intensas de tal modo que atingiram não apenas o aspecto material, mas, especialmente, o subjetivo. Com isso, afetaram também a forma de “ser”, pois o que se pode afirmar é que a classe que vive do trabalho presenciou a mais aguda crise deste século, que atingiu não só sua materialidade, mas teve profundas repercussões na subjetividade do indivíduo e, no íntimo inter-relacionamento destes níveis, afetou a sua forma de ser.

### 5.2.3 Fragmentação da subjetividade

Quanto aos aspectos relacionados à subjetividade e à identidade, inicialmente, os entrevistados foram questionados sobre a percepção de mudanças sociais e financeiras na vida deles e na de seus familiares devido ao desemprego. Observou-se, com mais nitidez, que os “impactos na vida financeira e social” estão presentes e relacionados ao desemprego.

Para os sujeitos, o aspecto financeiro está relacionado ao social, tendo em vista que, devido à perda da fonte de renda, o lazer fica comprometido, assim como o padrão de vida e o círculo de amizades, o que é observado nos relatos de D3, D8 e D10 a seguir:

Não, com certeza! Porque assim, financeiras é até redundante se está porque a gente perde a fonte de renda. E, assim, passa um mês tem só 4 parcelas, passa dois meses, e agora eu só tenho 3, e sociais, assim, a gente deixa de frequentar certos lugares, certos lazeres, porque primeiro ponto que a gente corta é o que tecnicamente seria supérfluo, vai no lazer, deixa de sair para uma churrascaria, de tomar uma cervejinha final de semana, já começa a cancelar planos de internet, de TV a cabo, enfim... o impacto social é mais nesse sentido (D3).

No social muda praticamente, tirando a família, vai mudar os vínculos, porque eu tinha uma rotina de trabalho muito pesada, muito intensa, com contatos com a empresa inteira, então isso muda muito pra gente, então esse vínculo social muda demais, muda muito, eu tenho contato com gente de todos os níveis, conversando sobre tudo, recebendo pessoas de fora o tempo todo, então as informações, os relacionamentos são muito diferentes, mudam demais, muda muito (D8).

Com certeza, o lado social afeta muito como eu falei, sempre lembrando da minha filha, ela estuda num colégio que tem as condições para ela poder desenvolver, mas acaba que impacta as coisas, os planos, vamos colocar assim, imediatos, mais imediatos que a gente tem vontade de estar podendo realizar, ter que está aguardando para poder postergar um pouco para frente. Então, impacta, sim, no lado social também (D10).

O indivíduo está acostumado a conviver em um núcleo social, com a ruptura desse convívio, sente-se deslocado, sendo obrigado a mudar o padrão de vida e obrigado a cortar diversas despesas para conseguir equilibrar o orçamento familiar. Deste modo, Jacques (2006b) evidencia que a construção da identidade pelo trabalho ocorre com a interação do “eu” com “outros” em atividades coletivas. No ambiente do trabalho, em contato com outras pessoas, o sujeito localiza a si mesmo e estabelece

importantes relações de amizade e de hierarquia. Por conta disso, o trabalho participa da configuração da identidade.

Com relação à “percepção de sentimentos” com a demissão, observou-se uma mistura de sentimentos como desânimo, frustração e incapacidade, conforme evidenciado pelos relatos ilustrativos de D3, D5, D6 E E15:

Olha, eu vou te ser sincero, assim eu fui demitido no dia 1º de abril, né, na verdade eu achei que o meu supervisor estava fazendo uma brincadeira comigo, mas, depois que eu vi que era sério e o que realmente tinha acontecido, eu, no primeiro momento, a gente não sente muito porque estamos meio anestesiado com a notícia, mas, assim, depois que eu cheguei em casa e no outro dia que eu não fui mais para a empresa, você começa a ver o uniforme ali no guarda roupa ainda, você perde o chão, você fica sem ânimo para nada mesmo, você não quer levantar, você deixa de almoçar uns dias, e por aí vai (D3).

Bom, o sentimento foi o pior possível. Você se sente como uma pessoa inválida, como a pior pessoa do mundo, o pior profissional do mundo, principalmente quando você tem todos os indicadores ótimos, excelentes, que constavam no registro da empresa como superaram as expectativas para o seu cargo e a pessoa virar para você e falar que você está sendo desligado da empresa e não te dar algum motivo (D5).

Foi um sentimento meio que de frustração pelo fato de ter conseguido um desenvolvimento na empresa e estar em desenvolvimento no atual momento, e assim ter passado até por boas avaliações, ter recebido bons *feedbacks*, e de repente parece que não era a realidade. Então, o sentimento é de frustração (D6).

Ao mesmo tempo que a gente sabe que está acontecendo, a cada dia é um, é um sentimento muito ruim, é uma tristeza e, assim, é incontrolável, né, você chora, você fica muito mal, eu fiquei, cheguei em casa, fiquei 2 dias muito mal, chorando, não acreditando no que estava acontecendo, né, que escolha tinha sido essa, mas é uma tristeza, é inexplicável porque você viveu uma vida de dedicação, de comprometimento, de sempre ser competente mesmo no que faz, sempre ter boas entregas, ter tudo que, querer fazer da melhor forma possível, desenvolvi, cresci lá, tudo que eu construí foi lá, então, assim, é o momento de tirar tudo que você tem, que você construiu até hoje, a sua vida, aquilo ali é como se fosse a sua vida, tudo eu aprendi lá, tudo eu construí através, né, do meu emprego, do meu trabalho, e é como se tirasse tudo que você tem, até a dignidade mesmo; nó agora eu não tenho mais o que fazer! Então é uma miscelânea de sentimentos ruins, de tristeza, de humilhação, um trem inexplicável, assim, um sentimento terrível. (E15)

Esses dados vão ao encontro à ideia de Monteiro *et al.* (2008), quando afirmam que o desemprego pode culminar em depressão, angústia, sentimentos de impotência e

de culpa, perda da autoestima, e, até mesmo, em episódios mais graves que é suicídio.

Em seguida, questionando-se os entrevistados se eles deixaram de “idealizar projetos” após terem sido demitidos, percebeu-se que, para a maioria deles, a instabilidade financeira provocada pelo desemprego afeta a idealização de seus projetos de vida, uma vez que não possuem o recurso necessário para tal realização. Vale destacar uma postura, por vezes otimista dos entrevistados, pois para um número significativo deles os projetos não foram cancelados, foram paralisados até a reinserção no mercado de trabalho conforme se evidencia nos relatos de D2, D9 e D15 a seguir:

Muitas. Eu tinha a expectativa de fazer inglês, devido estar formando já, eu precisava do inglês. Aperfeiçoar mais, mas devido às condições financeiras agora não tenho condições de pagar (D2).

Não, ao contrário, antes, né, eu trabalhava na empresa e tudo, agora tem projetos meus que eu já tinha, eu tenho um projeto de um livro já tem uns 5 anos, inclusive eu já escrevi, só que ainda não revisei, tem que fazer a revisão, revisão, tenho essa ideia, tenho essa ideia também dos livros de fotografia também que já tem o que, uns 2 anos, só que eu nunca tinha tempo pra isso, que muitas vezes precisa também de você estar indo em órgãos, você precisa estar indo em empresas, e trabalhando não tinha como eu fazer isso, então agora vai ser o momento pra eu poder estar fazendo, colocar essas, tirar o, como se diz o projeto da gaveta, colocar ele pra funcionar, então, a partir de agora, eu vou estar indo com meus projetos pessoais (D9).

Sim, claro, acho que a falta do você ter certeza do seu dinheiro você tem que paralisar alguns projetos, então, eles só estão paralisados, tenho fé em DEUS que eles vão ser conquistados, outras coisas virão, mas, por enquanto no momento, meus planos estão parados (D15).

Destaca-se aqui o relato de D8 que chama a atenção ao mencionar que as pessoas que mais são afetadas em relação à idealização de projetos são aquelas que vivenciam a empresa como projeto de vida. Para essas pessoas, o impacto do desemprego é sentido com maior intensidade, tendo em vista que a maioria de seus sonhos estava associada à organização como pode ser notado em depoimento:

Têm pessoas, que a empresa é um projeto de vida, é um projeto de vida é tudo, ela é família, ela é lazer, ela é o trabalho, tudo, então, isso nunca foi pra mim assim, eu sempre fui extremamente comprometida, os domingos que eu precisei trabalhar eu trabalhei, os feriados que eu precisei trabalhar eu trabalhei, as noites em claro que eu passei, as caixas de remédio que eu

tomei, então, assim, sempre fui extremamente, mas eu nunca deixei de construir o fora, então, assim, os únicos projetos que talvez sofram um atraso é essa questão de terminar a minha casa, e trocar o meu carro, porque eu nunca fui uma pessoa ambiciosa demais, eu acho que eu já ganhei muito, eu tenho muito, eu sempre trabalhei, acho que eu sempre mereci o que eu conheci porque eu trabalhei demais da conta, mas, tirando isso, o financeiro, não tenho projeto nenhum vinculado a empresa (D8).

Ribeiro (2009), ao discutir a questão dos projetos de vida relacionados ao fator desemprego, menciona que o desemprego, atualmente, se institucionalizou como um fator psicossocial, gerando uma identidade social ao indivíduo, e provocando consequências negativas na vida dos trabalhadores e de seus familiares. Essas consequências estão associadas ao isolamento social, quebra de vínculos, transtornos de identidade pessoal e, social e desconstrução de projetos de vida (RIBEIRO, 2009).

Os “hábitos e vícios” foram apontados pelos entrevistados como um fator preponderante entre os desempregados, tendo em vista que, no contexto social, já presenciaram pessoas que desenvolveram vícios após o desemprego. No entanto, os entrevistados foram unânimes ao destacar que não desenvolveram nenhum tipo de vício nem hábito que os prejudicassem. Isso pode ser evidenciado nos relatos a seguir:

Eu acho que não, eu acho que a minha filha, ela não deixa muito eu pensar nisso não sabe, eu acho que essa questão do alcoolismo é muito séria, quando as pessoas são demitidas sabe, eu acho que alcoolismo é depressão, eu vejo isso muito característico, mas em nenhum momento eu mudei algum hábito, ou estou comendo chocolate demais ou estou fumando, não, não tem nada disso, por enquanto só, o único filho que eu tenho é a minha filha (D4).

Não, não, eu tenho uma vida graças a DEUS equilibrada e isso aí mesmo não tem esse problema comigo graças a DEUS, beleza (D10).

Não, nem um vício não, graças a DEUS, não me afetou em nada, eu nunca tive problemas com drogas, com bebida alcoólica, nunca tive, graças a DEUS, tem pessoas que têm, né, os que saíram (D14).

Corroborando os dados, Monteiro *et al.* (2008) salientam que o aumento do consumo de álcool e o uso de drogas ilícitas são observados em alguns casos, haja vista a desestabilização daquele elemento central na vida das pessoas: o trabalho. Além de sofrimentos diretos provocados pelo desemprego, surgem os vícios e

abusos de drogas em geral, que por sua vez acarretam outras consequências. No entanto, essas ocorrências não foram observadas no presente estudo.

Ao analisar a “saúde física” dos entrevistados, a maioria declarou não ter evidenciado nenhum dano à saúde conforme depoimento de D9, D10 e D16:

A minha saúde física tá legal, eu tenho problemas de saúde, né, sou diabético, eu tenho hipotireoidismo, né, e tenho um problema também que é vitamina B, mas é um problema que eu já tenho há anos e anos, né, não adquiri, já tenho, outra coisa também que de certo modo vai sobrar mais tempo, então no meu caso, eu posso, uma parte desse tempo eu posso estar em atividades, caminhadas, que às vezes não dava pra fazer, dependendo da situação, né, então, assim, provavelmente eu vou ter mais tempo de cuidar da minha saúde agora, eu vou gerenciar o meu tempo (D9).

Minhas condições físicas? Ficou melhor por causa que eu sinto que a minha integridade a questão até de saúde tá bem melhor, a gente trabalhava de turno, e turno gera muito desgaste nas pessoas, só que você não percebe vira uma coisa crônica e te faz mal, então após a demissão eu vi que a minha qualidade em relação a saúde tá melhor (D10).

Olha, bem melhor tá, a qualidade de vida tá bem melhor, pelo menos eu não estou naquela rotina louca que é o turno cada dia um horário, então assim, eu estou tendo tempo, eu estou mais tempo com meu filho, pra minha esposa, né, pra minha família em geral, questão de qualidade de vida melhorou (D16).

No entanto, a fala do entrevistado D6 chamou a atenção ao ressaltar o ganho de peso após a demissão. Tal fator foi relatado por ele pela falta de exercícios físicos, tendo em vista que passa muito tempo em frente ao computador na busca de recolocação no mercado de trabalho, gerando estresse e ansiedade como pode ser notado no trecho de sua entrevista, a seguir:

Deixei de praticar alguns exercícios que eu praticava, algumas atividades físicas, e aquela busca ali por recolocação no mercado me levou a ficar por muito tempo de frente ao computador então eu cheguei a ganhar um pouco de peso logo após a demissão devido a esse fato, também é muito estresse, né? Tudo muito incerto. Muita ansiedade (E6).

A esse respeito, destaca-se que o desempregado mergulha em um estado de incerteza, que pode acarretar profundas crises de estresse, ansiedade e, nos casos mais extremos, estados de depressão. Pereira e Brito (2006) complementam afirmando que a partir desses sintomas, as consequências são diversas, pois tais

fenômenos psicológicos geram manifestações que interferem na vida social dos indivíduos.

Quanto à “saúde psicológica” após a demissão, os entrevistados ressaltaram que, no início, vivenciaram momentos difíceis, tendo em vista que gostavam do trabalho e que este estava presente na vida cotidiana, desequilibrando-os psiquicamente. A aceitação e reação das pessoas pertencentes ao círculo social também foi identificada como um aspecto conflituoso para eles, relatando precisar buscar forças e equilíbrio psíquico para lidar com essa situação conforme evidencia nos relatos de D3, D6 e D8:

Olha, nas primeiras semanas, assim, eu fiquei bem pensativo com relação a isso, mas depois eu fui vendo, conversando com pessoas que já passaram por essa experiência, porque é a minha primeira vez, né, minha primeira demissão, então eu fui conversando com pessoas e fui percebendo que o meu mundo pode ser muito maior que o meu ambiente de empresa, que eu ter um emprego, que eu posso arrumar outros trabalhos, outros empregos, fazer outras atividades (D3).

Afetou muito, acho que até mais que a saúde física porque é uma coisa que querendo ou não fazia parte do meu dia a dia, e era uma coisa que eu me sentia bem em estar estável em um emprego, então, isso mexeu muito comigo e me desequilibrou bastante. Eu como sou católico, sou bem religioso, então eu me amparei um pouco na religião, mas de certa forma, toda hora isso passava pela minha cabeça, a última conversa que eu tive com o meu gestor, a forma que eu fui desligado, então isso sempre e sempre estava vindo à mente e de certa forma a gente acaba mesmo sentindo o baque e eu tento usar isso como uma forma de avaliar o que eu fiz de errado, o que me levou a demissão (D6).

Eu acho que eu tive que ser forte, pra conseguir administrar como as pessoas reagiram, é aquilo que eu te falei, foi muito complicado, muito difícil, muito complexo, para as pessoas entenderem a minha demissão, talvez mais pra elas do que pra mim mesma, então é aquela coisa, eu sofreria muito mais se eu tivesse recebido a notícia que eu estaria doente, ou que uma pessoa que eu goste, independente de ser família, amigos, estaria doente do que uma demissão, porque pra mim é um processo natural, então, assim, eu recebi, a minha família ficou muito mais próxima de mim nesse momento, minha família é maravilhosa, que eu acho que é uma coisa que influencia também (D8).

Outro fator que chamou a atenção foi que, para se manterem estáveis psicologicamente, os entrevistados se envolvem em outros projetos, como uma maneira de dar significado a vida, dificultando o aparecimento de depressão ou problemas similares conforme pode ser evidenciado no depoimento de D4:

Eu me agarrei mais ainda na vontade de estudar, agora que eu tenho que continuar mesmo os meus estudos. Mas tem gente, igual eu falei, que não tem essa oportunidade, né, tem que continuar pagando as contas e isso pode com certeza e vai afetar o psicológico e vai puxando as outras coisas, a parte física, a parte emocional, no meu caso, eu fiquei triste no momento, óbvio, mas eu consegui me agarrar aos meus amigos, me suportaram conversando, dialogando e, assim, eu consegui suportar bem a questão do desemprego (D4).

Dessa forma, percebe-se que o trabalho promove a interação intersubjetiva, que é de suma importância para as constituições identitárias. Se, por um lado, o trabalho ocupa centralidade na vida dos diferentes sujeitos, por outro, quando há o desemprego, instaura-se uma exclusão que desestabiliza o indivíduo não só socialmente, mas, também, psiquicamente, com alterações de sua identidade (VIANA; MACHADO, 2009). Por isso, é necessário que, em sua ausência, algo possa ser colocado em seu lugar para, não apenas ocupar a cabeça e o tempo do desempregado, mas para atribuir-lhe outra função social, como é o caso de ser um estudante ou pertencer a um grupo passa continuar se aprimorando com vista a se recolocar no mercado de trabalho.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo descrever e analisar como o desemprego afeta a subjetividade do trabalhador na percepção de trabalhadores demitidos de empresas do setor de mineração das cidades de Ouro Preto e Mariana/MG.

Para a realização do estudo, buscou-se identificar e investigar a percepção sobre as relações entre centralidade do trabalho, desemprego e fragmentação da subjetividade. Para tanto, teve-se como ponto de partida compreender e debater como o desemprego afeta a subjetividade do trabalhador demitido. Como objetivos específicos, procurou-se descrever a trajetória profissional dos trabalhadores demitidos no período de 2014 a 2015; identificar o significado do trabalho formal na percepção dos trabalhadores demitidos; identificar os sentidos da perda do trabalho formal; e entender o processo subjetivo desses significados por meio dos relatos de trabalhadores desempregados.

Com vistas a atender o objetivo desta dissertação, foi realizada uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, utilizando-se o método de múltiplos casos. A coleta de dados foi realizado por meio de 20 entrevistas semiestruturadas realizadas com trabalhadores demitidos das empresas pesquisadas.

Os dados coletados foram tratados por meio da análise de conteúdo, cujas etapas acarretaram em categorias de análise pertinentes como a centralidade e o significado do trabalho em termos de desenvolvimento profissional, desemprego e fragmentação da subjetividade.

Quanto à centralidade e significado do trabalho, foram abordadas as subcategorias desenvolvimento profissional, sentido do trabalho na vida pessoal, sentido do trabalho na vida familiar e interação social.

Quanto às subcategorias relacionadas ao desemprego, abordaram-se o projeto de vida, o significado do desemprego, o apoio da família, o comprometimento da renda familiar, as dificuldades para recolocação no mercado de trabalho e as

consequências do desemprego. Quanto às subcategorias relacionadas à fragmentação da subjetividade, abordaram-se o impacto na vida financeira e social, a percepção dos sentimentos, a idealização de projetos, os hábitos ou vícios, a saúde física e a saúde psicológica.

De acordo com Morin (2011), o trabalho representa um valor importante para as pessoas, influencia na motivação, na satisfação e na produtividade. Por meio do relato das entrevistas, pôde-se descrever o significado do trabalho para os entrevistados, evidenciando, quanto ao desenvolvimento profissional, que eles tiveram um bom desenvolvimento em sua trajetória dentro da empresa, tendo em vista que galgaram novos cargos ao longo do tempo.

No que tange ao sentido do trabalho na vida pessoal dos trabalhadores demitidos, percebeu-se que o trabalho representa a construção da vida, uma vez que a aquisição de bens materiais torna-se possível por meio do trabalho, ele associa-se ao *status* e possibilita aceitação em determinado grupo social.

Com relação ao sentido do trabalho na vida familiar, identificou-se que a maioria dos entrevistados é responsável pelo sustento de suas famílias e pela criação dos filhos, tornando o emprego um meio de sobrevivência e de realização de objetivos e sonhos.

Para Rohm e Lopes (2015, p. 335), “o trabalho é uma condição fundamental na existência humana. Por meio dele, o homem se relaciona com a natureza, constrói sua realidade, significa-se, insere-se em contextos grupais, atua em papéis e, finalmente, promove a perenização de sua existência. Por viabilizar a relação dos indivíduos com o meio, em um dado contexto, o trabalho expressa-se como incessante fonte de construção de subjetividade, produzindo significado da existência e do sentido de vida”.

Assim, destaca-se que o trabalho na vida dos entrevistados foi considerado uma forma de interação social, por meio da qual se estabelecem trocas sociais que consideram importantes e que significam diante a sociedade.

Nota-se que a interação social diminui significativamente com o desemprego. Os entrevistados ressaltaram que os colegas de trabalho os reconheciam apenas enquanto trabalhadores da empresa, inferindo que a identidade do sujeito, atribuída pelo outro, fica “apagada” ou “desconhecida” fora do ambiente de trabalho, tendo em vista que são reconhecidos apenas pelo cargo ocupado na empresa.

Quanto ao desemprego e ao seu significado na vida dos entrevistados, identificou-se que o trabalho confere algo além do sustento financeiro e material, exercendo também papel importante na construção dos vínculos afetivos e emocionais. Para Garcia e Henriques (2013), o homem tem necessidade de realização, de aprovação social, de poder, de conhecimento, de habilidades, enfim, de obter êxito independentemente de sua classe social.

Desse modo, observou-se que além de perder sua fonte de renda, o trabalhador é privado do convívio social, afastado da esfera produtiva e tem de se adequar à sua nova realidade, reorganizando-se subjetivamente.

No que tange aos projetos de vida, no período do desemprego, identificou-se que os entrevistados pretendem concluir os estudos, a maioria deles estava estudando no período da demissão, e dedicarem-se aos trabalhos informais, tendo em vista que já possuíam algum *hobby* ou trabalhos extras quando ainda estavam empregados.

Em se tratando da percepção dos familiares sobre a atual situação dos entrevistados, identificou-se que eles possuem total apoio da família, o que se mostrou fundamental, uma vez que a desvinculação do mercado de trabalho favorece o aparecimento de diferentes formas de problemas, causando sofrimento e propiciando o surgimento de doenças.

Com relação à renda familiar, identificou-se que com o desemprego ela ficou comprometida, e que a falta de benefícios adicionais ao salário recebido impactaram de forma negativa na renda.

Observaram-se dificuldades para a recolocação dos trabalhadores entrevistados no mercado de trabalho. Como fatores dificultadores, foram apontados a crise

econômica enfrentada pelo país, com a conseqüente falta de oportunidade de trabalho, o tempo de trabalho e experiência na empresa, sendo que o excesso de experiência pode exceder o exigido pela nova função.

Quanto às conseqüências do desemprego, os aspectos mais apontados foram a autoestima e as finanças. O desemprego desestrutura os laços sociais e afetivos, restringe os direitos, instaura a insegurança socioeconômica, e, com isso, traz uma série de problemas à autoestima. De acordo com Garcia e Henriques (2013), é por meio do trabalho que o homem se realiza, desenvolve competências e habilidades, forças, fraquezas e limitações, relacionam-se e vivem com as pessoas.

Com relação à identidade e fragmentação da subjetividade, no que tange ao impacto na vida financeira e social, observou-se que os aspectos financeiros e sociais na vida dos entrevistados estão inter-relacionados, uma vez que perdendo a fonte de renda, o lazer fica comprometido, assim como o padrão de vida e o círculo de amizades.

Identificou-se uma mistura de sentimentos com o processo de demissão como desânimo, falta de apetite, frustração e incapacidade, evidenciando que o desemprego pode ainda acarretar em depressão, angústia, sentimentos de impotência e de culpa e perda da autoestima.

Com relação aos hábitos ou vícios, os entrevistados evidenciaram que se trata de fatores recorrentes, pois, no contexto social, já presenciaram pessoas que os desenvolveram após o desemprego. No entanto, os entrevistados foram unânimes ao destacar que não desenvolveram nenhum tipo de vício nem de hábito que os prejudicasse.

Por fim, no que tange à saúde física, nenhum dado foi evidenciado. Contudo, com relação à saúde psicológica, os entrevistados ressaltaram que, no início, vivenciaram momentos difíceis, que os desequilibraram psiquicamente, tendo em vista que gostavam do trabalho e que ele fazia parte da vida cotidiana. Para se manterem estáveis psicologicamente, envolveram-se em outros projetos como uma

maneira de dar significado à vida e dificultar o aparecimento de depressão ou problemas similares.

Ressalta-se, portanto, que o trabalho é considerado o valor máximo enquanto reconhecimento do papel social, permitindo ao indivíduo trabalhador ter a sua identidade profissional e, assim, determinar sua posição social. Desta forma, a ruptura dos laços de trabalhos advinda do desemprego leva à construção de uma nova identidade ou à fragmentação da subjetividade do indivíduo.

Esta pesquisa contribuiu para a ampliação de estudos sobre a temática desemprego no setor de Mineração, tendo em vista o significado e importância dessas empresas no desenvolvimento e potencialidades de cidades como as cidades de Ouro Preto e Mariana.

Em relação ao contexto social, esta dissertação buscou contribuir para melhorar a compreensão das questões relacionadas a importância que o trabalho exerce na vida dos indivíduos, bem como, o papel que este exerce na construção das relações sociais e desenvolvimento de potencialidades humanas.

Importa dizer também que, como todo e qualquer estudo, esta pesquisa possui suas limitações. Este trabalho se limitou ao estudo de multicasos, que, pela sua própria natureza, não permite generalizações em relação ao contexto estudado. Como o método de estudo de caso foi utilizado pela acessibilidade, os entrevistados sempre indicavam amigos, principalmente do sexo masculino, é importante destacar que no estudo houve relato de duas mulheres, mas seria interessante incluir um número maior, tendo como análise o ponto de vista da demissão no “olhar” feminino, ou seja, da mulher e quais seriam os impactos causados na subjetividade desse gênero que hoje assume papel importante de fonte de renda dentro do lar.

Os transtornos causados pelo desemprego causados nas famílias é algo que permeou a pesquisa, sendo assim, sugere-se para estudos futuros que se pesquise os impactos do desemprego na subjetividade dos membros da família. Recomenda-se, também, a realização de estudos envolvendo a percepção dos gerentes e executivos, que dedicam boa parte do seu tempo tomando decisões estratégicas e

que também foram surpreendidos com o processo desemprego. Estudos que relatam as reflexões dos gerentes e executivos sobre a temática desenvolvida neste trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 104 p.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 2004. 203 p.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 9. ed. Coleção Mundo do Trabalho. São Paulo: Boitempo, 2007. 264 p.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 14. ed. Campinas: Cortez, 2010a. 216 p.
- ANTUNES, R. A crise, o desemprego e alguns desafios atuais. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 104, p. 632-636, dez. 2010b.
- ARAÚJO, E. R.; OLIVIERI, R. D.; FERNANDES, F. R. C. **Atividade mineradora gera riqueza e impactos negativos nas comunidades e no meio ambiente: recursos minerais e comunidade**. Rio de Janeiro: CETEM/MCTI, 2014. 12 p.
- ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981. 352p.
- ARGOLO, J. C. T.; ARAÚJO, M. A. D. O impacto do desemprego sobre o bem-estar psicológico dos trabalhadores da cidade de Natal. **Revista de Administração Contemporânea – RAC**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 161-182, out./dez. 2004.
- AYROSA, E. A. T.; FIGALE, J. M.; TUCCI, F. Problematizando identidade e subjetividade em estudos sobre consumo. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO – EnANPAD, 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 10., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR. p. 329-341. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398\\_2342.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf)>. Acesso em: 7 ago. 2013.
- BALESTRO, M. V.; MARINHO, D. N. C.; WALTER, M. I. M. T. Seguro-desemprego no Brasil: a possibilidade de combinar proteção social e melhor funcionamento do mercado de trabalho. **Soc. estado.**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 185-208, ago. 2011.
- BALTAR, P. **Emprego, políticas de emprego e política econômica no Brasil**. Organização Internacional do Trabalho. Escritório da OIT no Brasil. Brasília: OIT, 2010. Disponível em: <<http://www.oit.org.br/publication>>. Acesso em: 21 mar. 2015.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009. 223 p.

BARROS, C. A.; OLIVEIRA, T. L. Saúde mental de trabalhadores desempregados. **Revista Psicologia**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 86-107, jan./abr. 2009.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 146 p.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001. 260 p.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005. 112 p.

BERTONCINI, E. M. O. L. Work, identity and early retirement: theoretical notes on suffering of workman. **Revista de Psicologia da UNESP**, Assis, n. 1, p. 38-50, 2002.

BEYDA, T. T.; CASADO, R. U. Dilemas da ruptura com o mundo corporativo. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO – ENANPAD, 31., 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

BORGES, L. O. **Significado do trabalho e socialização organizacional: um estudo empírico entre trabalhadores da construção habitacional e de redes de supermercados**. 1998. 389 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social do Trabalho) – Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

CABRAL, A. L. L. O Serviço Nacional: uma proposta radical contra o desemprego e a miséria. **Revista do Centro de Ciências Sociais Aplicadas – Interface**, v. 1, n. 2, p. 93-108, 2004.

CAMPELLO, M. S. *et al.* A cartografia histórica, o direito de ir e vir e a mineração no quadrilátero ferrífero. In: Simpósio Luso Brasileiro de Cartografia Histórica Porto, 4., 2011, Porto. **Anais...** Universidade do Porto: Porto, 2011.

CAMPOS, A. M. B. M. **Depressão e otimismo: uma visão do desemprego, sob o prisma da psicologia da saúde**. 2009. 124 p. Dissertação (Mestrado em psicologia social) - Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Serpa, 2009.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004.

CAMPOS, F. C. C.; FARIA, H. P.; SANTOS, M. A. **Planejamento e avaliação das ações de saúde**. 2. ed. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, 2010. 114 p.

CAMPOS, M.; SARAIVA, L. A. S. O trabalho, suas representações e sentidos: da demissão à recontração de trabalhadores. **Revista Economia & Gestão**, Belo Horizonte, v. 14, n. 36, p. 31-56, jul./set. 2014.

CARDOSO, L. A. A categoria trabalho no capitalismo contemporâneo. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 265-295, nov. 2011.

CARLOS, S. A. *et al.* Identidade, aposentadoria e terceira idade. **Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 1, p. 77-89, 1999.

CARSALADE, F. L.; ACCIOLY, S.; OLIVEIRA, A. S. As Relações entre a paisagem cultura e a mineração: o caso do quadrilátero ferrífero (MG) In: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS, 3., 2012, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2012. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/artigos/pdf/368.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

CARVALHO, P. S. L. *et al.* Minério de Ferro. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 39, p. 197-233, mar. 2014.

CATTANI, A. D. **Trabalho e autonomia**. Porto Alegre: Vozes, 1996. 195 p.

CHAHAD, J. P.; POZZO, R. G. Mercado de trabalho no Brasil na primeira década do século XXI: evolução, mudanças e perspectivas. **Ciência e Trópico**, Recife, v. 36, p. 100-111, 2014.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 349 p.

COUTINHO, M. C.; KRAWULSKI, E.; SOARES, D. H. P. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicologia e Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 29-37, jan./fev. 2007.

DAVEL, E.; VERGARA, S. C. Gestão com pessoas, subjetividade e objetividade nas organizações. In: DAVEL, E.; VERGARA, S. C. (Orgs.). **Gestão com pessoas e subjetividade**. São Paulo: Atlas. 2001. p. 31-56.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 168 p.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, São Paulo, v. 14, n.3, p. 27-34, set./dez. 2004.

DEJOURS, C. Prefácio. In: MENDES, A. M. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 19-22.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS – DIEESE. **Os conceitos utilizados pela PED**. 2015. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/metodologia/metodologiaPed.html>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL – DNPM. **Arrecadação da CFEM por Superintendências**. 2015. Disponível em <<http://www.dnpm.gov.br/dnpm/planilhas/estatisticas/arrecadacao-cfem/arrecadacao-da-cfem-por-superintendencias-2015/view>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 115, n. 1, p. 139-54, mar. 2002.

ENRIQUEZ, E. Perda do trabalho, perda da identidade. **Cadernos da Escola do Legislativo**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 53-73, jul./dez. 1999.

FERNANDES, K. R.; ZANELLI, J. C. O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações. **Revista de Administração Contemporânea – RAC**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 55-72, 2006.

FERRAZ, D. L. S.; BIASOTTO, L. D.; TONON, L. A centralidade do trabalho no processo de construção da identidade: um estudo com membros do movimento dos trabalhadores desempregados. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD – EnEO, 5., 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.

FLEIG, D. G. *et al.* Reestruturação produtiva e subjetividade: análise interpretativa do significado do desemprego. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 12, n. 33, p. 71-91, 2005.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 408 p.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2008. 80 p.

FRANCO, P. R.; BANCILLON, D. Mineradoras já demitiram mais de 1 mil devido a crise. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 13 fev. 2015.

FREITAS JR., D. B.; ARAÚJO, P. G.; NARCISO, E. R. P. Desemprego e Políticas Públicas em Âmbito Municipal no Brasil: produção científica e tendências teóricas. In: ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E GOVERNANÇA – EnAPG, 4., 2010, Vitória. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: Freud, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de Salomão J. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 21, p. 75-171.

GARCIA, F. C.; HENRIQUES, H. G. O sentido do trabalho e suas dimensões: uma pesquisa exploratória sobre a percepção de grupo de trabalhadores inseridos em uma empresa do ramo de serviços especializados para eventos. **Pesquisa, Desenvolvimento e Gestão – FACEF**, v. 16, n. 1, 2013.

GARRIDO, P. B. *et al.* Aids, estigma e desemprego: implicações para os serviços de saúde. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, supl. 2, p. 72-79, dez. 2007.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. 600 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 184p.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresa - RAE**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, maio/jul.1995.

GORZ, A. **Adeus ao proletariado**: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. 204 p.

GOULART, I. B. Subjetividade nas organizações. In: GOULART, I. B.; VIEIRA, A. **Identidade e subjetividade na gestão de pessoas**. Curitiba: Juruá, 2007. p. 13-26.

GUIMARÃES, N. A. *et al.* Desemprego - mercados, instituições e percepções: Brasil e Japão numa perspectiva comparada. **Tempo Soc.**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 257-287, nov. 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MINERAÇÃO – IBRAM. **Informações e análises da economia mineral brasileira**. 7. ed. Brasília: IBRAM, dez. 2012. 68 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MINERAÇÃO - IBRAM. **Informação sobre a Economia Mineral do Estado de Minas**. 2015. Disponível em: <http://www.ibram.org.br/sites/1300/1382/00004355.pdf>. Acesso em: 01 set. 2015.

JACQUES, M. G. C. Identidade e trabalho. In: CATTANI, A. (Org.). **Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2006a, p. 161-164.

JACQUES, M. G. C. Trabalho bancário e saúde mental no paradigma da excelência. **Revista Boletim da Saúde**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 93-105, jan./jun. 2006b.

KUBO, S. H.; GOUVÊA, M. A. Análise de fatores associados ao significado do trabalho. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 47, n. 4, p. 540-554, 2012.

KURZ, R. **Manifesto contra o trabalho**. Tradução de Heinz Dieter Heidemam e Claudio Duarte Nuremberga: Grupo Krisis, 1999. 60 p.

LEITE, M. P. O trabalho e suas reconfigurações: conceitos e realidades. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS – ANPOCS, 32., 2008, São Paulo. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 2008.

LIEDKE, E. R. Trabalho. In: CATTANI, A. D. (Org.). **Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 341-346.

LIMA, C. H.; VIEIRA, A. Do sacrifício ao sacro ofício: um modelo para a compreensão do significado do trabalho. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO – EnANPAD, 29., 2005, Brasília. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2005.

LIMA, J. C. Reestruturação industrial, desemprego e autogestão: as cooperativas do Vale do Sinos. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 19, p. 212-249, jun. 2008.

LIMA, M. E. A.; BORGES, A. F. Impactos psicossociais do desemprego de longa duração. In: GOULART, I. B. (Org.). **Psicologia organizacional e do trabalho**:

teoria, pesquisa e temas correlatos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 337-355.

LORENTZ, C. N. *et al.* Subjetividade e identidade dos gerentes frente aos novos papéis exigidos no atual contexto organizacional. **Revista Gestão & Tecnologia**, Pedro Leopoldo, v. 14, n. 3, p. 219-243, 2014.

LUNARDI FILHO, L.; LUNARDI, V. L.; SPRICIGO, S. O trabalho da enfermagem e a produção da subjetividade de seus trabalhadores. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 2, p. 91-96, mar./abr. 2001.

MAGALHÃES, C. V. E. **O enfrentamento do desemprego**: experiências e vivências de trabalhadores desempregados em Porto Alegre. 2007. 165 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MARRA, A. V. **Identidade, trabalho e construção social da aposentadoria para ex-executivos**. 2013. 217 f. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MARRA, A. V. *et al.* Imaginário, subjetividade e aposentadoria feminina. **Brazilian Business Review – BBR**, Espírito Santo, v. 8, n. 2, p. 119-137, abr./jun. 2011.

MARRA, A. V.; SOUZA, M. M. P. Significado do Trabalho e Envelhecimento: Estudando os Gerentes Aposentados. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO – EnANPAD, 36., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2012.

MARRA, A. V.; MARQUES, A. L.; MELO, M. C. O. L. A Articulação entre Significado do Trabalho e “Identificação Organizacional”: Contribuições para a Compreensão do Processo de Aposentadoria Gerencial. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO – EnANPAD, 34., 2010, Brasília. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

MARTINS, G. P. **Desemprego estrutural na era da globalização**. 2006. 54 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

MARTINS, T. C. S. O negro no contexto das novas estratégias do capital: desemprego, precarização e informalidade. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 111, p. 450-467, set. 2012.

MENDES, A. M. B. Os novos paradigmas de organização do trabalho: implicações na saúde mental dos trabalhadores. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 23, n. 85, p. 55-60, set. 1997.

MENDES, A. M. B. **Psicodinâmica do trabalho**: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. 368 p.

MENEZES, W. F.; DEDECCA, C. S. Avaliação da duração do desemprego nas regiões metropolitanas de Salvador e de São Paulo. **Rev. econ. contemp.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 35-60, abr. 2006.

MÉSZÁROS, I. Desemprego e precarização: um grande desafio para a esquerda. In: ANTUNES, R (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 27-44.

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA – MME. Secretaria de Geologia, Mineração e transformação mineral - SGM. Produto 03 - Aspectos tributários da mineração brasileira. **Relatório Técnico: análise comparativa de royalties**. 2009.

MODESTO FILHO, J.; VIEIRA, A.; GARCIA, F. C. Fragmentação da subjetividade: o que dizem os gestores. **Revista Alcance**, Biguaçu, v. 20, n. 1, p. 79-95, jan./mar. 2013.

MONTEIRO, J. K. *et al.* Reflexões acerca do atendimento psicológico a desempregados. **Aletheia**, Canoas, v. 27, n. 1, p. 233-242, jan./jun. 2008.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 8-19, jul./set. 2001.

MOURÃO, A. N. M.; ALMEIDA, M. E.; AMARAL, E. F. L. Seguro-desemprego e formalidade no mercado de trabalho brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 251-270, jun. 2013.

NÁDER, F. M. J. **Manifestações do terceiro espírito do capitalismo**: um estudo de casa de uma grande empresa brasileira. 2006. 201 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

NASCIMENTO, Y. *et al.* Concepções sobre identidade social da pessoa em sofrimento mental. **Revista Cogitare**, Curitiba, v. 18, n. 1, p. 102-108, 2013.

NAVARRO, V. L.; PADILHA, V. Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 14-20, 2007.

OLETO, A. F.; MELO, M. C. O. L.; LOPES, A. L. M. Análise bibliométrica da produção sobre prazer e sofrimento no trabalho nos encontros da Associação Nacional de Pós-graduação em Administração (2000-2010). **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 60-73, 2013.

OLIVEIRA, M. A. C.; LEÃO, A. L. M. S. O Papel da Subjetividade na Construção da Identidade Metrossexual. **Revista Brasileira de Marketing – REMark**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 177-202, 2011.

PARANHOS, P. Primeiros núcleos populacionais no Sul das Minas Gerais. **Histórica**, São Paulo, n. 7, 2005.

PAULA, A. P. P.; PALASSI, M. P. Subjetividade e simbolismos nos estudos organizacionais: um enfoque histórico-cultural. In: CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A.

S. (Orgs.). **Simbolismo organizacional no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2007. p. 197-228.

PEREIRA, M. C.; BRITO, M. J. Desemprego e subjetividade no contexto brasileiro: uma análise interpretativa sob a ótica dos excluídos do mercado de trabalho industrial. **Revista mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 143-181, mar. 2006.

PEREIRA, M. C. *et al.* A abordagem sócio-construcionista e a produção de sentidos sobre o desemprego: um estudo no setor industrial da região metropolitana de Belo Horizonte (RM-BH). **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 15, n. 47, art. 3, p. 49-69, 2008.

PEREIRA, M. C.; PEREIRA, J. R.; BRITO, M. J. Cidadania e Desemprego no Brasil Contemporâneo: uma Reflexão a partir das Categorias de Subjetividade Indivíduo, Mero-Indivíduo e Pessoa. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 14, n. 41, p. 45-57, abr./ jun. 2007.

PEREIRA, S. **O Mercado de minério de ferro**. 47 f. Monografia (Graduação em Engenharia de Minas) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PINHEIRO, L. R. S.; MONTEIRO, J. K. Refletindo sobre desemprego e agravos à saúde mental. **Cadernos de psicologia social do trabalho**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 35-45, 2007.

PREVITALI, F. S.; FAGIANI, C. C. Organização e controle do trabalho no capitalismo contemporâneo: a relevância de Braverman. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 756-769, 2014.

REBÊLO, Felipe César José Matos. **Crise financeira de 2008**. 2010. Disponível em: <[http://www4.jfrj.jus.br/seer/index.php/revista\\_sjrj/article/viewFile/213/171](http://www4.jfrj.jus.br/seer/index.php/revista_sjrj/article/viewFile/213/171)>. Acesso em: 12 jun. 2015.

REDE BRASIL ATUAL. Desemprego no mundo vai crescer nos próximos cinco anos, prevê OIT. **RBA**, 20 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/economia/2015/01/desemprego-no-mundo-vai-crescer-nos-proximos-cinco-anos-preve-oit-578.html>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

RIBEIRO, M. A. Estratégias micropolíticas para lidar com o desemprego: contribuições da psicologia social do trabalho. **Revista de Psicologia Política**, São Paulo, v. 9, n.18, dez. 2009.

ROESER, H. M. P.; ROESER, P. A. **O quadrilátero ferrífero**: aspectos sobre sua história, seus recursos minerais e problemas ambientais relacionados. Instituto Geociências, 2010.

ROHM, R. H. D.; LOPES, N. F. O novo sentido do trabalho para o sujeito pós-moderno: uma abordagem crítica. **Cadernos EBAPE. BR**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 332-345, 2015.

RUCHKYS, Ú.; MACHADO, M. M. M. Oficinas de sensibilização para conservação de sítios geológicos do Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais, Brasil. **Terra e Didática**, Campinas, v. 8, n. 1, p. 24-33, 2012.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001. 174 p.

SEGABINAZZI, C. Identidade e trabalho na sociedade capitalista. **Revista Textos e Contextos**, Porto Alegre, v. 6, n.1 p. 2, p. 18, jan./abr. 2007.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. ver. autal. Florianópolis: UFSC, 2005. 128 p.

SILVA, J. R. G.; VERGARA, S. C. Mudança organizacional e as múltiplas relações que afetam a reconstrução das identidades dos indivíduos. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO – EnANPAD, 26., 2002, Salvador. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2002.

SINGER, P. Desemprego e exclusão social. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 72-81, abr./jun. 2000.

SOARES, D. C.; VIEIRA, A. Reestruturação organizacional e reconstrução da identidade: um estudo de caso em uma empresa de telecomunicações. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, v. 12, n. 26, p. 92-115, jan./abr. 2010.

SOUZA NETTO, C. R.; CURADO, M. L. Produtividade do trabalho, salários reais e desemprego na indústria de transformação do Brasil na década de 1990: teoria e evidência. **Rev. econ. contemp.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 485-508, dez. 2005.

TONI, M. Visões sobre o trabalho em transformação. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 9, p. 246-286, jan. 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

TUMOLO, L. M. S.; TUMOLO, P. S. A vivência do desemprego: um estudo crítico do significado do desemprego no capitalismo. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 327-344, set. 2004.

VASCONCELOS, I. F. G.; VASCONCELOS, F. C. Identidade e mudança: o passado como ativo estratégico. **Organização & Sociedade**, Salvador, v. 8, n. 21, maio/ago. 2001.

VEIGA, H. M. S.; SILVA, N. I. A. Construção de escala para avaliar sofrimento psíquico-social de trabalhadores desempregados. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 6, n.1, p. 13-20, jun. 2007.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas. 2003. 96 p.

VIANA, E.; MACHADO, M. Sentido do trabalho no discurso dos trabalhadores de uma ONG em Belo Horizonte. In: CONGRESSO UNA DE PSICOLOGIA, 1., 2009, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UNA, 2009.

VIEIRA, A. Cultura, poder e identidade nas organizações. **Revista da FEAD-Minas**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 61-75, jan./jun. 2004.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA; T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 212 p.

ZANELLI, J. C. **Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2010. 144 p.

ZYLBERSTAJN, H.; BALBINOTTO NETO, G.. As teorias de desemprego e as políticas públicas de emprego. **Est. Econ.**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 129-149, jan./mar. 1999.

## APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	98
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista.....	99

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisadora: Maria Elisa Silva Mendes – Mestranda  
Orientador Professor Dr. Fernando Coutinho Garcia

Título da Pesquisa: Desemprego e fragmentação da subjetividade: um estudo com trabalhadores demitidos das cidades de Ouro Preto e Mariana - MG

Caro participante

As pessoas vinculam a vida ao trabalho, criam-se laços, projetos e expectativas. Dessa forma, a decisão de desvincular-se de uma atividade produtiva é um fator que gera sentimentos e sensações capazes de provocar mudanças importantes na vida das pessoas.

Estou desenvolvendo um Projeto de Pesquisa de Mestrado com o tema Desemprego e fragmentação da subjetividade: um estudo com trabalhadores demitidos das cidades de Ouro Preto e Mariana – MG. Gostaria de convidá-lo(a) e contar com sua participação neste trabalho.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar e analisar como o desemprego afeta a subjetividade e a identidade do trabalhador, na percepção de trabalhadores demitidos de empresas das cidades de Ouro Preto e Mariana/MG. Sua participação consiste em responder a esta entrevista, sabendo que seu nome será utilizado. Você poderá se recusar a participar dela ou retirar seu consentimento.

Quanto à análise dos dados, é possível que sejam divulgados em publicações científicas. Seu consentimento e sua assinatura autorizam a pesquisadora utilizar os dados obtidos somente com o objetivo de atender às demandas desse projeto de investigação. Sendo um participante voluntário, você não terá nenhum pagamento e/ou despesa referente à sua participação no estudo.

Desde já agradeço a atenção e participação, colocando-me à sua disposição para mais esclarecimentos pelo e-mail institucional do programa de mestrado: maria.mendes@mestrado.unihorizontes.br.

Eu, \_\_\_\_\_,  
após a leitura e compreensão deste termo de informação e consentimento, entendo que minha participação é espontânea e livre, podendo sair ou retirar meu consentimento a qualquer momento do estudo sem prejuízos e danos. Confirmando, ainda, que recebi uma cópia deste termo e autorizo a análise de dados obtidos neste instrumento.

Assinatura do Participante

Assinatura da Pesquisadora

## APÊNDICE B – Roteiro de entrevista

**Pesquisadora:** Maria Elisa Silva Mendes

**Orientador** Professor Dr. Fernando Coutinho Garcia

**Título da Pesquisa:** Desemprego e fragmentação da subjetividade: um estudo com trabalhadores demitidos das cidades de Ouro Preto e Mariana - MG

Data: \_\_\_\_\_ Entrevistado: \_\_\_\_\_

Tempo: \_\_\_\_\_

Identificação do entrevistado:

Nome:

Idade:

Estado civil:

Filhos:

Grau de instrução:

Tempo de desemprego:

Cidade onde mora:

### 1) SIGNIFICADO DO TRABALHO

- 1) Como foi o seu desenvolvimento profissional até o momento em que foi demitido?
- 2) O que o trabalho representa em sua vida?
- 3) Qual o sentido que o trabalho exerce na vida de sua família?
- 4) Como ficou sua interação social com os ex-colegas de trabalho após sua demissão?

### 2) DESEMPREGO

- 5) O que significa desemprego para você? Qual seu sentimento na condição de desempregado?
- 6) Quanto tempo você trabalhou na empresa da qual foi demitido?
- 7) Qual fator você considera ter sido determinante para o seu desligamento da empresa?
- 8) Como estão seus projetos de vida neste período de desemprego?
- 9) Como sua família e amigos percebem sua atual situação de vida?
- 10) Qual era a sua renda familiar antes da demissão?
- 11) Qual a renda atual da família?

- 12) Está sendo difícil para você almejar novos postos de trabalho?
- 13) Quais dificuldades você vem enfrentando na busca de novas perspectivas para sua realização seja pessoal seja profissional?
- 14) Com relação aos desempregados que você conhece, quais são as consequências do desemprego na vida das pessoas?
- 15) Você identifica algum momento em que o desemprego passou a ser mais presente no cotidiano da empresa no qual trabalhou? Que interesses e/ou fatores estão levando as empresas a tantas demissões?
- 16) Para quem o desemprego é um problema?
- 17) Você gostaria de falar algo que não foi abordado na entrevista?

### **3) IDENTIDADE E FRAGMENTAÇÃO DA SUBJETIVIDADE**

- 18) Você consegue perceber mudanças sociais ou financeiras na sua vida e/ou de sua família após ter ficado desempregado?
- 19) Qual foi o seu sentimento quando foi demitido?
- 20) Você deixou de idealizar projetos após ter sido demitido?
- 21) Você adquiriu hábitos ou vícios após a demissão?
- 22) Como avalia sua saúde física após sua demissão?
- 23) Como você avalia a sua saúde psicológica após sua demissão?